Belmonte

Roteiro do Concelho

CRISTINA NOGUEIRA

Ficha Técnica

TITULO	Roteiro do Concelho de Belmonte
AUTOR	Cristina Nogueira
MAPAS	Joaquim Nascimento
EDIÇÃO	Câmara Municipal de Belmonte
CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS	As fotografias são da autoria de Cristina Nogueira, à excepção de algumas fotografias pertencentes ao Arquivo Municipal e recolhidas em Sites de Internet e Bibliografia referenciada
EXECUÇÃO GRÁFICA	Paleta Gráfica - Tondela
DEPÓSITO LEGAL	

Nota Prévia

Da Torre de Menagem, qual sentinela do vale, bem altaneira, do Castelo de Belmonte, espraiamos o nosso olhar pelo Concelho e sentimos a magia das lendas, da história, dos tempos em que as suas gentes, bem beirãs, com actos de grande bravura, conquistaram fronteiras, navegaram Mares, até então desconhecidos, dando novos Mundos ao Mundo, cultivaram os campos, ergueram muralhas, regaram searas com o seu suor, talharam o granito com as suas mãos, que hoje edificam o presente e projectam o seu futuro honrando o passado na recuperação do seu património.

É na melancolia e paz das nossas ruas , na beleza das nossas casas em granito, que de tão simples se tornam tão nobres, das janelas e varandas floridas que sentimos a vida das nossas Vilas e Aldeias que, cada vez mais, são a razão da sua tranquilidade aliada a um crescimento que queremos organizado, sustentado pelos pilares do ambiente, da cultura, das nossas tradições, da preservação das nossas raízes, do respeito pela qualidade de vida e da nossa história.

Somos uma terra de torres enigmáticas, de castelos, de solares, ruas, de casarios medievais, igrejas e capelas com frescos admiráveis, conventos e sinagogas.

O Concelho de Belmonte é, sem qualquer dúvida, no País, uma referência histórica que jamais poderá ser omitida e que contribuirá decisivamente para o enriquecimento cultural de quem nos visitar, razão porque decidimos, com a pronta colaboração da autora desta obra, Drª. Cristina Nogueira, registar nestas páginas, de forma simples, mas objectiva, as melhores referências turísticas, como um contributo para um melhor conhecimento da nossa realidade.

O Presidente da Câmara Municipal

Amândio Manuel Ferreira Melo

Dedicatória

Aos meus Pais.

Agradecimentos

Agradecemos à Câmara Municipal de Belmonte na pessoa do Sr. Presidente Amândio Melo e do Sr. Vereador Mário Tomás.

Aos meus pais e irmãos que sempre me encorajaram no meu percurso intelectual e académico e a quem dedico todo o meu esforço e a minha alegria de viver.

Ao Joaquim Nascimento, que prontamente colaborou nesta obra, trabalhando sempre com afinco, dedicação e amizade na elaboração dos mapas.

Ao Agostinho Santos que para além das palavras de incentivo me acompanhou nos trilhos que conduziram à elaboração deste roteiro.

À Sónia Vazão pela sabedoria que soube partilhar comigo na área da História da Arte.

À Senhora Dona Maria José Esteves Pinto que amavelmente me acompanhou na busca do passado de Caria.

Introdução

O Concelho de Belmonte abrange um território onde o património é considerável. Com sede na mais recente Vila Histórica de Portugal, cuja senda do passado se revive em cada canto e em cada pedra, o concelho de Belmonte manteve a rusticidade que o torna particularmente atractivo aos olhos de todos aqueles que por ele passam e que valorizam a cultura portuguesa, conseguindo deslumbrar igualmente pela simplicidade do património, que, ao contrário do que se pode ver nas grandes cidades, é detentor de uma riqueza inigualável, apesar de pouco exuberante. É um concelho de rara beleza, no qual, num abrir e fechar de olhos, se pode passar de uma paisagem montanhosa para uma vasta paisagem plana repleta de vários encantos à espera de serem redescobertos por quem passa mais distraído.

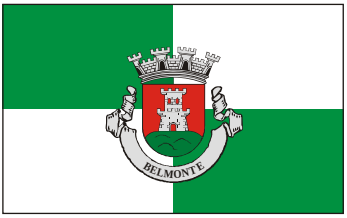
Aqui contam-se histórias de todos os tempos desde os homens primitivos, passando pelos romanos e pelos mouros, pela Monarquia Portuguesa e pela República.

Nestas paragens viveram grandes homens e nasceram insignes personagens da nossa história, como Pedro Álvares Cabral.

Com este Roteiro pretendemos abrir portas e desviar cortinas para a descoberta, não do Brasil, mas das Terras de Cabral, de Belmonte e do seu Concelho. Trata-se, por isso de um convite formal à descoberta do património histórico, natural e cultural e de um contributo para o progressivo desenvolvimento turístico da região nele abrangida. Surpreenda-se!

Localização

Concelho de Belmonte



O concelho de Belmonte, cuja área total é de 133,24 Km^2, situa-se na Província da Beira Baixa, no extremo norte do Distrito de Castelo Branco.

Está integrado na Região de Turismo da Serra da Estrela e pertence à Comarca da Covilhã e ao Bispado da Guarda.

Trata-se de um concelho constituído por cinco freguesias: Belmonte, Caria, Colmeal da Torre, Inguias e Maçaínhas, e pelas localidades de Gaia, Carvalhal Formoso, Malpique, Monte do Bispo, Olas, Trigais, Belmonte Gare, Quinta Cimeira e Quinta do Meio.

Conta ainda com as seguintes vias rodoviárias: E.N. 18, E.M. 345 e A23 e com a automotora da CP que liga as cidades da Covilhã e da Guarda.

O número de habitantes ronda os 7600.

O rio Zêzere, as ribeiras de Caria e das Inguias banham as terras do concelho facilitando a agricultura e a pastorícia. Na agricultura destacam-se a produção de fruta (Maçã, Pêssego) de Cereal (Centeio) de azeite e vinho. Na pastorícia, observa-se, sobretudo, a criação de gado ovino e caprino, importante para a produção de queijo, leite, peles e lã.

A indústria de confecções tem um peso dominante sobre a economia do concelho, concomitantemente com outras pequenas indústrias como sejam a metalurgia, a construção civil e alimentar.

O comércio, sobretudo tradicional, é também uma actividade económica visível no concelho.

Quanto à religião, encontra-se integrada na Diocese da Guarda tendo uma comunidade judaica que possui sinagoga e cemitério próprio.

O seu feriado municipal é em 26 de Abril.

História

Belmonte

Situada nas faldas orientais da Serra da Estrela, Belmonte é uma Vila Histórica, local obrigatório para uma visita demorada.

Aqui poderá desfrutar de paisagens e recantos de rara beleza, associando-os ao património monumental e cultural e a um bucolismo relaxante.

A sua história surge, normalmente, associada à História dos Cabrais e dos Judeus.

Foi terra natal de Pedro Álvares Cabral, o navegador que no ano de 1500 comandou a segunda armada à Índia, durante a qual se descobriu oficialmente o Brasil.

O topónimo de Belmonte provém, segundo algumas opiniões, da tradição militar dos povos que aqui habitaram, especialmente na época da resistência lusitana aos romanos. Assim, Belmonte deriva da palavra latina *Belli-monte* que significa montes de guerra.

A beleza do monte (inselbergue) visto de longe e o fantástico panorama que dele se avista para a Cova da Beira poderão ter sido também factores para o nome da vila.

A presença humana no actual concelho de Belmonte está comprovada desde as épocas mais remotas. A Anta de Caria, os Castros de Caria e da Chandeirinha certificam a longevidade da fixação na pré e proto-história. A presença romana é também evidente pelos testemunhos da Torre *Centum Cellas* ou pela Villa da Quinta da Fórnea, até porque se supõe que estes terão dado bastante importância a esta zona, devido à passagem da via que ligava Mérida à Guarda.

Na Idade Média Belmonte surge-nos, primeiramente, ligado à história do concelho da Covilhã, concretamente, no foral concedido em 1186 por D. Sancho I.

Mas em 1199, de acordo com a sua política de povoamento e reforço da defesa fronteiriça, o mesmo rei concedeu foral a Belmonte ficando esta até 1385 sob jurisdição da Covilhã.

No século XIII, a vila encontrava-se já em franco desenvolvimento justificando a existência de

duas Igrejas - a de São Tiago e de Santa Maria (perto do velho cemitério, junto ao Castelo) e de uma Sinagoga.

As Guerras Fernandinas e a Crise de 1383-1385 viriam travar esse crescimento, de tal forma que os reis D. Fernando e D. João I tiveram que conceder homiziados para "substituir" a gente morta em combate. Aliás, a vinda de homiziados para as terras de Belmonte foi um facto que se repetiu ainda no tempo de D. Afonso V e de D. Manuel I.

Em 1392, depois de vários conflitos com os bispos da Guarda, a Mitra de Coimbra, detentora do senhorio de Belmonte, trocou-o, com autorização de D. João I, pelo senhorio de Arganil e pelo Couto de São Romão com o fidalgo Martim Vasques. Mas este fidalgo tomou o partido de Espanha numa altura em que a Casa de Avis se pretendia afirmar, por isso, depressa se viu despojado destes bens que foram confiscados a favor da Coroa. O senhorio de Belmonte seria mais tarde concedido pelo rei da Boa Memória a seu filho, o Infante D. Henrique.

Embora pertencendo à Coroa, o Castelo de Belmonte era administrado por um alcaide local e já desde 1398 que este cargo estava ligado aos Cabrais.

O primeiro alcaide foi Luís Álvares Cabral. Fernão Cabral, pai de Pedro Álvares Cabral, foi o primeiro alcaide-mor. Com ele se iniciou, no século XV, a época de maior destaque do Castelo e de Belmonte.

Em 1510 D. Manuel I concedeu a Belmonte nova carta de foral. Nessa altura a comunidade de Belmonte era essencialmente rural, dependente da pecuária e da agricultura. A presença de Judeus favoreceu também a existência de algum comércio prejudicado, com o Édito de 1496 e com as perseguições da Inquisição.

Na primeira metade do século XVI o Concelho de Belmonte tinha "de termo duas léguas em longo e uma de largura" sendo a vila que na comarca de Castelo Branco tinha a maior densidade populacional em vizinhos a seguir à Atalaia.

Em meados do século

XVIII a população de Belmonte contava já com cerca de 1416 habitantes.

Em 1811 estava judicialmente anexa a Sortelha (que tinha Juíz de Fora) na Comarca, Provedoria e Diocese de Castelo Branco. E, em 1842 pertencia ao Distrito Administrativo da Guarda.

Com a reforma administrativa de 1855, o Concelho de Belmonte foi alargado pela incorporação de Caria.

Mas a 7 de Dezembro de 1895 este concelho foi extinto, tendo as suas freguesias sido anexadas à Covilhã. Apenas três anos depois foi restaurado o Concelho de Belmonte.

O Século XIX foi marcado por disputas de lugares políticos na Câmara e nas Juntas de Freguesia. Das quais, são muitas vezes protagonistas monárquicos, liberais e, posteriormente republicanos.

A instalação da indústria da confecção de vestuário deu-se já no século XX.

Actualmente, Belmonte está integrada no Programa das Aldeias Históricas.

Percurso Pedestre

Analise o Mapa

Castelo de Belmonte

Monumento Nacional desde 1927

Horário: *de Segunda a Domingo das 9 às 17 horas*
Informações: *no Posto de Turismo junto à entrada do monumento.*
Loja do IPPAR
Preço de Entrada: *Grátis*

Castelo de Belmonte

Depois de ter deixado o automóvel num dos estacionamentos da Vila, perto da Rua Pedro Álvares Cabral, dirija-se para o monumento que mais marca esta vila - o Castelo.

Na verdade, a aproximação de Belmonte, quer se faça pela Estrada Nacional 18 quer pela A23, denuncia-se pela imponência deste edifício que se situa na zona mais elevada. A dualidade granítica e caiada que, ao longe, parece contrastar notoriamente, capta

automaticamente a atenção do visitante. Este pormenor acaba por fazer deduzir a sua utilização como residência sem, contudo, deixar de dar indícios da sua primitiva função de defesa fronteiriça.

A construção do Castelo de Belmonte data, provavelmente, dos finais do século XII e está relacionada com as necessidades de repovoamento e de afirmação do poder régio de D. Sancho I na região.

Para incentivar esse repovoamento e contribuir para a estruturação sócio-económica da região, D. Sancho I doou várias igrejas desta zona ao Bispo e à Sé de Coimbra (1168) e, mais tarde (1199), como já foi referido, concedeu Carta de Foral a Belmonte.

Inicialmente, o Castelo seria constituído por um recinto amuralhado ao qual foi anexada, em 1258, a Torre de Menagem que ladeia a entrada principal. Terá sido o Bispo de Coimbra D. Egas Fafes, autorizado pelo rei D. Afonso III, quem mandara edificar esta torre. Esta construção, correspondia às inovações que foram introduzidas na arquitectura militar gótica e permitia, neste caso concreto, a defesa de um ponto sensível - a porta. Os balcões com mata-cães existentes outrora ajudavam na defesa dessa zona, possibilitando o tiro vertical (lançamento de pedras) sobre os invasores.

A função militar deste Castelo atenua-se com a assinatura do Tratado de Alcanizes, por D. Dinis (1297), o que em termos práticos se traduziu na transferência da fronteira mais para oriente. Só na segunda metade do século XIV readquiriu, novamente, a sua importância militar e política com os conflitos luso-castelhanos do reinado de D. Fernando, que conduziram à crise dinástica de 1383-1385. Durante esses conflitos terão ocorrido alguns danos nestas paragens pois, em 1387, D. João I concedeu ao Bispo de Coimbra autorização para recrutar homiziados para povoar e restaurar Belmonte. Sendo dessa altura a reconstrução da entrada em cotovelo que ainda hoje se conserva.

A entrada no recinto

interior da cidadela é feito debaixo do terraço de granito assente em arcos impostos nas paredes da antiga defesa. Este terraço e sobradão ocupavam todo o espaço em cotovelo que serviria de defesa e conduzia à segunda entrada.

O primeiro alcaide de Belmonte foi Luís Álvares Cabral, bisavô de Pedro Álvares Cabral.

Em 1466 foi criada, por D. Afonso V a alcaidaria-mor do Castelo. Esta foi entregue a título hereditário, juntamente com o senhorio da vila e seu termo, a Fernão Cabral I, neto do primeiro alcaide e pai de Pedro Álvares Cabral.

Foi no tempo deste primeiro alcaide-mor que o Castelo de Belmonte passou a ser residência dos Cabrais tornando-se consequentemente no centro de organização administrativa, política e judicial.

Em virtude disso, foram

feitas algumas transformações no castelo.

Ainda hoje, são visíveis na muralha oeste, onde foram rasgadas as janelas panorâmicas do Paço, algumas dessas transformações.

Destaca-se a belíssima janela manuelina, datada da primeira metade do século XVI, encimada por um brasão composto por duas cabras (Cabrais) e seis ruelas (Castros), símbolo da união do alcaide-mor João Fernandes Cabral com D. Joana Coutinho de Castro, seus possíveis encomendantes.

À excepção desses vestígios, quase nada resta do Paço dos Cabrais construído no Castelo. Contudo, as escavações arqueológicas permitiram identificar algumas das fundações das estruturas do Paço.

O último acto solene realizado no oratório do Paço do Castelo correspondeu ao

casamento de Rui de Figueiredo Alarcão com D. Maria Antónia de Meneses, filha do alcaide Pedro Álvares Cabral I, no século XVI. No século XVII parte do paço foi consumido pelas chamas o que acabou por determinar o seu abandono. Nos séculos XVIII e inícios do XIX foi utilizado como celeiro e arrecadação das rendas que os Cabrais recolhiam na região. Nessa altura foi-lhe anexado o edifício existente à direita da entrada do Castelo, onde se destacam dois belíssimos balcões sustentados por quatro mísulas, com decorações zoomórficas e vegetalistas, e duas portas cada uma encimada por frontão curvo ostentando um brasão.

A tradição conta que quando se soube que os Cabrais estariam de regresso com a corte do Brasil para Portugal (1821), os aposentos do castelo teriam sido incendiados.

No século XX o Castelo volta a ser palco de lutas e resistências, desta feita a oposição de alguns republicanos ao Sinodismo (que disparando tiros de caçadeira teriam resistido às ordens de rendição, pelo menos até existirem munições).

Foi o 2º Conde de Belmonte, D. José Maria Figueiredo Cabral da Câmara, que doou o Castelo aos Monumentos Nacionais.

Este Castelo corresponde assim a um exemplar de arquitectura militar românica-gótica, com intervenções posteriores, nomeadamente no tempo do reinado de D. Manuel I e nos séculos XVII e XVIII.

Inevitavelmente associado aos Cabrais, este Castelo, apresenta traçado ovalado irregular, com porta principal encimada por balcão sustentado por mísulas e que antes da construção do Paço dos Cabrais teria mata-cães. Sobre o balcão observa-se

Lenda da Cabra e do Cabrito de Ouro

Conta-se que em tempos existia um pastor nestas terras que sonhou três vezes seguidas com a seguinte frase: - Vai a Belém que lá encontrarás o teu bem!

O pastor cansado de ouvir essa voz que insistentemente se repetia, pôs-se a caminho.

Já em Belém, procurou, procurou, mas nada encontrou que lhe respondesse ao tal chamamento.

Desanimado e quase a desistir de procurar, encontrou um outro pastor que lhe perguntou a razão de tamanha tristeza.

O pastor de Belmonte resolveu contar o sucedido e o outro pastor respondeu-lhe: - Então vós ainda acreditais em sonhos!? Eu também costumo sonhar que numa terra chamada Belmonte, há uma laje onde todos os dias se deita uma cabra amarela, e que debaixo dela existe um tesouro, mas eu não acredito em sonhos!

O Pastor ao ouvir isto deu um salto e pôs-se a caminho de casa. Ele sabia bem qual era a laje e a cabra a que o outro pastor se referia.

Quando chegou à sua terra não tardou a dirigir-se à laje. Levantou-a e escavou até encontrar o tesouro: uma Cabra e um Cabrito de ouro.

Decidiu então dividir o seu tesouro com o Rei mas os conselheiros não o queriam deixar entrar e responderam-lhe: Deixai-nos o presente que nós mesmo entregaremos ao Rei.

O Pastor nada convencido não arredou pé enquanto não o levaram à presença do Rei.

Perante a insistência do Pastor o rei acabou por o receber. Quando o pastor entrou na sala onde o Rei estava perguntou: - Onde está sua Majestade, o Rei?

O Rei respondeu: - Aqui, o que queres?

O pastor explicou: - Senhor, trouxe-vos um presente. Trago aqui uma cabra e um cabrito, qual quereis?

O rei respondeu: - Quero o cabrito, sempre será mais tenro que a cabra.

O pastor entregou-lhe o cabrito mas o Rei ao ver que era de ouro exclamou: - Agradeço o presente mas tenho pena que o cabrito fique órfão!

A isto o pastor retorquiu: - Mas não tenhais senhor pois também vos deixo a mãe do cabrito.

Perante tamanho acto de generosidade e lealdade o Rei decidiu recompensar o Pastor. Mandou-o ir à sua cavalariça e escolher o melhor cavalo dizendo-lhe que todas as terras que percorresse em redor de Belmonte, desde o nascer do sol até ao pôr-do-sol passariam a ser suas.

uma porta de lintel recto encimada pelas Armas dos Cabrais. Os panos de muralhas com adarve descobertos são desprovidos de merlões. A cisterna é visível no interior do Castelo.

As escavações arqueológicas realizadas no interior do Castelo permitiram também, comprovar a existência de um reduto amuralhado do século XII, e recolher algumas cerâmicas domésticas do século XV e XVI, assim como de algum espólio que levanta a hipótese da anterior presença romana no local.

Actualmente, o edifício tem funções turísticas e culturais, tendo sido construído para o efeito um anfiteatro ao ar livre e algumas salas museológicas para exposição do espólio arqueológico do concelho e de temáticas relacionadas com Pedro Álvares Cabral e os Descobrimentos.

No exterior, em frente à janela manuelina, ergue-se a cruz em pau-brasil, uma réplica da que teria sido utilizada na primeira missa celebrada por Frei Henrique, em 26 de Abril de 1500, em Terras de Vera Cruz.

Na loja do IPPAR, situada no Castelo poderá observar uma maquete representando o, possível, Paço dos Cabrais no Castelo.

À saída do Castelo, volte à direita, e no Largo do Brasil, poderá visitar a Igreja de S. Tiago e o Panteão dos Cabrais.

Igreja de S. Tiago

A Igreja de S. Tiago foi igreja paroquial até 1940 e esteve sempre associada aos Cabrais. Esse facto justifica que o Panteão dos Cabrais lhe esteja adossado à esquerda.

Esta igreja é um belíssimo exemplar de arquitectura românica-gótica com frontaria barroca (alteração feita no tempo de D. Francisco Cabral, documentada por inscrição), remate em cornija decorada com esferas e cachorrada medieval ornada com motivos vários que apresenta indícios de aproveitamento de materiais pertencentes a

uma igreja e cemitério visigóticos (cabeceiras de sepulturas).

Terá sido construída por ordem de D. Maria Gil Cabral, esposa de Gil Álvares Cabral no século XIII, depois de a ter recebido em testamento de D. Gil Cabral, Bispo da Guarda, com a condição de ali instituir uma capela dedicada a Nossa Senhora da Piedade e construir um morgadio vinculado à mesma. Este morgadio foi

Igreja de S. Tiago e Panteão dos Cabrais

Monumento Nacional

Horário: *Manhã das 11 às 12 h; Tarde das 15 às 16 h; Excepto: 1 de Janeiro, Sexta-feira Santa, Domingo de Páscoa, 1 de Maio e 25 de Dezembro.*
Visitas Guiadas: *sim, solicitação prévia no Posto de Turismo.*
Preço de Entrada: *Grátis*

criado em 1397 a favor de Luís Álvares Cabral, sobrinho da fundadora, já que esta não deixou descendência directa. Foi desta forma que se criaram as bases do poder temporal dos Cabrais em Belmonte.

No interior da Igreja situa-se a referida Capela de Nossa Senhora da Piedade onde se encontra a famosa Pietá monolítica que é ladeada pelo túmulo armoriado de D. Maria Gil Cabral. Esta capela gótica possui arcos quebrados e abóbada de cruzaria de ogivas, colunas com capitéis decorados com motivos zoomórficos, florais e antropomórficos, dos quais se destacam os que pertencem às colunas encostadas ao arco toral e ao fundo da arca tumular.

Estes capitéis historiados relatam feitos ocorridos no Norte de África e que se atribuem a Fernando Álvares Cabral.

No primeiro caso encontra-se representado o momento em que o 2º alcaide de Belmonte se interpõe para aparar um golpe que um mouro (Cerco de Tânger) se preparava para desferir ao Infante D. Henrique, do qual era moço-fidalgo, escudeiro, cavaleiro e guarda-mor. No segundo caso, o mesmo Cabral impede que uma serpente morda ao Infante.

Esta magnífica Igreja, outrora envolvida nas lutas entre os Bispos da Guarda e de Coimbra, apresenta planta longitudinal composta, de nave única e capela-mor rectangular, tendo no interior, junto à referida capela gótica, um belíssimo arco gótico de intradorso ornamentado de pequenos lóbulos, sobrepujado pelo Brasão dos Cabrais entre duas representações de prensas de azeite relevadas.

A Prensa

A fidelidade dos Cabrais foi sempre elogiada e para a provar diz-se que há muito tempo o Castelo de Belmonte fora cercado pelo Inimigo (que já não se sabe precisar) e o alcaide, um Cabral, resistiu com todo o povo assegurando a defesa do castelo.

As gentes de Belmonte cansadas da resistência afrouxaram um pouco a vigília e a filha do alcaide que, habituada à ternura de todos, brincava alheada da situação, foi raptada.

O rapto serviria para moeda de troca. Os inimigos ameaçaram o alcaide: *a vida da tua filha ou o Castelo!*

O alcaide, longe de imaginar que alguém seria capaz de fazer mal a uma criança, não cedeu, preferiu ser fiel e tentou dissuadir o inimigo de semelhante propósito, apelando-lhe que lutasse com valentia, de forma honrada e sem covardia.

Mas perante a recusa determinante do alcaide os inimigos sacrificaram a menina esmagando-a de forma atroz numa prensa idêntica à que hoje se observa esculpida no Pelourinho ou na Igreja de Santiago.

A Prensa, segundo a tradição popular, passou a ser o Brasão do Concelho e é considerado o símbolo do sofrimento e de resistência do Castelo, encontrando-se noutros tempos nas portas da vila ou em fontes.

As interpretações dos historiadores dizem-nos que este símbolo teria sido adoptado pelo alcaide-mor, Fernão Cabral I, e que poderá não estar relacionado com qualquer sacrifício ou cerco relatados mas com o rigor e fidelidade com que este aplicava a justiça nos cargos de Corregedor da Justiça nas terras da Beira e Riba-Côa e ainda nas comarcas de Viseu e Covilhã. Seja como for o que é certo é que a certa altura a alcaidaria de Belmonte passou a estar dispensada de menagem ao rei.

As várias pinturas murais que aqui se vislumbram foram postas a descoberto aquando das obras de restauro da Igreja (1963), altura em que se procedeu à remoção dos retábulos entalhados da capela-mor e da colateral direita. As datas de execução destas pinturas murais estendem-se por cerca de 150 anos, dos séculos XV-XVI ao século XVII e correspondem a cinco campanhas distintas de pintura.

No fresco manuelino da parede fundeira, na capela-mor, estão representadas três figuras: Virgem com o Menino, Santiago e S. Pedro que formam uma espécie de tríptico. As decorações de temática vegetalista inspiradas na olaria tradicional que ladeiam a representação central são do século XVII, mais precisamente, da altura do acoplamento do retábulo-mor primitivo (1630).

Junto ao arco que dá acesso à capela-mor, do lado esquerdo, encontram-se outras representações pictóricas. Tratam-se igualmente de frescos onde existem campanhas sobrepostas. Observam-se: a Santa Mártir, um dos atributos de Santa Luzia, S. Domingos e, na parede lateral direita, S. João Baptista. A Santa Mártir que apenas ostenta a palma do martírio, sendo por isso difícil de identificar, é considerada a melhor representação existente nesta Igreja uma vez que a sua execução revela um bom domínio técnico e artístico para a época.

A representação desta Santa Mártir poderá ter sido executada em finais de quatrocentos, sendo, contemporânea da Santa Luzia, já que ambas faziam parte da mesma representação. O S. Domingos é posterior a estas e S. João Baptista foi elaborado depois da representação principal da capela-mor.

O Púlpito renascentista, situado junto à porta que dá acesso ao Panteão dos

Cabrais, é composto por quatro peças: a pia de água benta, a tribuna, o dossel e o nicho encimado por dossel de menores dimensões. A tribuna é decorada com motivos florais, ostentando na zona central a prensa e uma vieira símbolos associados, respectivamente, aos Cabrais e a S. Tiago. A prensa surge igualmente representada na pia de água benta.

A Pia Baptismal, em forma de cálice, encontra-se integrada num baptistério de planta quadrada, com acesso por arco pleno, que se situa na intersecção com o Panteão dos Cabrais, perto da porta principal.

O Coro Alto, em madeira, sustentado por duas colunas toscanas é do tempo de D. Francisco Cabral (século XVII).

Panteão dos Cabrais

Saindo, agora, pela pequena porta que se encontra junto ao Púlpito, aceda ao Panteão dos Cabrais onde se encontram os túmulos de vários elementos desta ilustre família.

Junto à porta que liga o Panteão à Igreja de S. Tiago, observa-se, à direita, o túmulo de Fernão Cabral I e Isabel Gouveia, pais de Pedro Álvares Cabral.

Na parede oposta, encontram-se os restos mortais de João Gouveia (alcaide-mor de Castelo Rodrigo), de sua mulher Leonor Gonçalves e do seu filho Vasco Fernandes Gouveia (pais e irmão de Isabel Gouveia).

Estes dois túmulos góticos de morfologia semelhante fizeram parte da primeira capela mausoléu mandada construir por Fernão Cabral I e sua mulher, Isabel Gouveia.

A reforma renascentista, feita por Francisco Cabral, ressalta, num plano superior ao da primitiva capela. O desvão é aproveitado para fazer o Carneiro onde se lê: "PORTA DESTE CARNEIRO 1630". No plano superior encontram-se duas arcas tumulares de estilo renascença. Do lado esquerdo, a inscrição revela quem ali jaz: Fernão Cabral III (6º Alcaide-mor de Belmonte), Nuno Fernandes Cabral (fidalgo da Casa Real, e 7º Alcaide-mor de Belmonte).

A identificação dos restos mortais que a arca tumular da direita encerra não está ainda comprovada mas são apontados dois nomes: Fernão Cabral IV (o Gigante das Beiras) e seu irmão Francisco Cabral.

Ao centro, a arca tumular de granito contém cinzas retiradas do túmulo de Pedro Álvares Cabral existente na Igreja da Graça em Santarém.

No exterior, a fachada principal do Panteão apresenta portal seiscentista de lintel recto moldurado, rematado por frontão curvo que integra a inscrição onde são identificados os nomes de quem mandou construir e de quem reformou esta capela.

A torre sineira isolada é de construção ou reconstrução oitocentista.

Perto do Castelo encontram-se duas pequenas Capelas.

A Capela de Santo António apresenta-se de frente para a porta do Castelo.

Foi mandada edificar pela mãe de Pedro Álvares Cabral, D. Isabel Gouveia, no século XV/XVI.

Trata-se de uma capela de arquitectura vernácula com planta longitudinal simples que apresenta, na fachada principal, porta de verga recta ladeada pelos brasões dos Cabrais (à esquerda) e dos Queirós e Gouveias (à direita).

No interior, junto à porta, encontra-se uma pia de água benta hemisférica com bordo saliente e boleado. Na parede testeira observa-se o retábulo em talha dourada, de estilo nacional, proveniente do Convento de Nossa Senhora da Esperança, onde se encontra uma escultura de Santo António, vinda do mesmo local.

À esquerda, figura a imagem da Santíssima Trindade que veio da Igreja de S. Tiago e que outrora pertenceu à Capela de S. Francisco (que se situava no actual largo António José de Almeida).

À direita, encontra-se a imagem de S. Sebastião, proveniente da capela com o mesmo nome que se situava no Largo de S. Sebastião, junto à rua Pedro Álvares Cabral, do lado oposto ao Jardim.

Perto desta Capela situa-se a Capela do Calvário.

Trata-se de um exemplar de arquitectura oitocentista de revivalismo neogótico que apresenta fachadas circunscritas por

cunhais apilastrados, e fachada principal rasgada por portal de arco apontado.

No interior, destaca-se a pintura da cobertura, que à maneira setecentista do "quadro recolocado" representa a *"Lamentação sobre o Corpo de Cristo"*. Na parede testeira existe uma encenação do Calvário composta por Cristo Crucificado, duas cruzes e um monte artificial de granito.

Esta Capela está ligada aos festejos pascais, sendo nela que termina a procissão da Via-Sacra.

Volte depois ao largo e desça a rua que dá acesso à antiga judiaria e que é ladeada por pequenos muros de pedra.

Sinagoga, Judeus e Antiga Judiaria

Ao fundo encontrará uma pequena praça. Nesta Praça onde o granito impera em casas térreas com pequenas janelas, apaladas às rochas encontra-se uma Casa com um *Passo de Via-Sacra* setecentista adossado. A tradição identifica esta casa como tendo sido o primeiro *Hospital de Belmonte*. E o olhar atento verá, sobre a sua porta uma cruz gravada sinal que é habitualmente associado aos Cristãos-Novos.

Esta praça integra a zona conhecida como *Antiga Judiaria de Belmonte* que compreendia as ruas de Marrocos e Direita de Marrocos, hoje a Rua da Fonte da Rosa e a Rua Direita, respectivamente. É por essa razão que esta zona da vila ainda hoje é apelidada Bairro de Marrocos. A área compreendida por estas ruas e pela Rua da Sé (que dá acesso hoje à Igreja Matriz) é identificada como a zona medieval da Vila. A comunicação entre estas três artérias principais faz-se ainda por pequenas vielas e guetos onde teriam vivido outrora judeus, mouros e homiziados.

Desça agora em direcção à Rua Fonte da Rosa.

Mais abaixo poderá ver a Sinagoga - templo que testemunha a existência de uma comunidade judaica viva e activa.

Desde os finais do século XIII que os judeus tiveram alguma importância em Belmonte fruto da situação geográfica desta vila. Mas a presença de judeus nesta vila não foi um facto isolado pois são conhecidas antigas judiarias em cidades, aldeias e vilas da região.

No caso concreto de Belmonte, a presença de Judeus desde os tempos medievos foi atestada, não só pela referência documental à sisa judenga como por uma Lápide com inscrição em hebraico ("E ADONAI (DEUS) ESTÁ NO SEU TEMPLO SAGRADO/EMUDECE PERANTE ELE TODA A TERRA"), datada de 1297 encontrada nos princípios do século XX numa capela da Vila, que existia no actual Largo António José de Almeida (Capela de São Francisco). Esta lápide pertencera a uma Antiga Sinagoga que depois foi adaptada para o culto cristão. A existência de uma Antiga Sinagoga faz supor que em Belmonte haveria uma comunidade judaica organizada que terá atraído judeus quando estes foram expulsos de Castela, em 1492, pelos Reis Católicos.

Contudo, esta situação de segregação e tolerância gozada pelos judeus até aí em Portugal, acabou também por se alterar nos finais do século XV, quando no reinado de D. Manuel I, os judeus são forçados ao Baptismo ou, no caso de recusa, a saírem do país.

Apesar desses factos, em 1496, as fontes documentais atestam a existência de judeus nesta região pois estes, continuavam a pagar 400 Reais. Muitos ficaram e foram baptizados à força. Esses, os chamados Cristãos-Novos, viram-se, a partir dessa época, obrigados à dissimulação religiosa.

A Pia Baptismal Manuelina que hoje se pode observar no átrio de entrada da Câmara Municipal de Belmonte é, tradicionalmente,

relacionada com estes baptismos e terá pertencido também à Capela de São Francisco.

A permanência desses judeus, que apesar de convertidos à força, continuavam a praticar o judaísmo, torna-se evidente quando se fazem investigações na Torre do Tombo e se descobrem diversos processos inquisitoriais de naturais ou moradores no Concelho de Belmonte nos séculos XVI, XVII e XVIII.

Estes factos reforçam a ideia de que sempre houve judeus em Belmonte e que a actual comunidade não descende apenas do casal Maria Caetana e João Diogo Henriques que se instalou aqui em 1782.

Na realidade Judeus e Cristãos-Novos viveram aqui, ocultando a sua verdadeira fé, praticando actos e ritos católicos por medo, mantendo, paralelamente, em segredo as tradições e costumes judaicos. Alguns estudiosos costumam afirmar, a propósito da transmissão das suas tradições, que os judeus de Belmonte detinham uma *"religião de patriarcas mantida por mulheres"* pois estas foram, ao longo dos tempos, o verdadeiro repositório de todas as orações, calendário, ritos e festas. Manteve-se, assim, secretamente a tradição, (mesmo depois da extinção definitiva da Inquisição, em 1821) que se foi transmitindo de geração em geração, com maior ou menor abertura, dependendo das circunstâncias políticas.

Por causa da sua fé, superaram provas como perseguições, baptismos forçados, 285 anos de Inquisição, regimes autoritários como o do Estado Novo, etc. vivendo também momentos de aparente desocultação de identidade religiosa dos quais salientamos, em Portugal, a Primeira República.

Neste período, talvez, fruto do anti-clericalismo, os judeus gozaram de uma espécie de ambiente de renascimento do judaísmo na Beira que se traduziu, por exemplo, pela ascensão

de alguns dos seus membros à Comissão Municipal Republicana Electiva de Belmonte.

O medo enraizado acabou por ser paulatinamente vencido tendo para isso contribuído a presença de Samuel Schwarz. O seu estudo - *"Os Cristãos--Novos em Portugal no Século XX"* acabou por contribuir significativamente para o início da desocultação religiosa permitindo conhecer, pela primeira vez, o *modus vivendi* desta comunidade criptojudaica, cuja sobrevivência se ficou a dever a estratégias como a ocultação da verdadeira identidade religiosa e a prática da endogamia como garante da sua continuidade.

Hoje, a Comunidade Judaica de Belmonte cuja constituição legal teve lugar em 1988, tem Rabi para as cerimónias principais, Nova Sinagoga, inaugurada em 1996, e Cemitério próprio.

A Sinagoga foi projectada pelo arquitecto Neves Dias e tem o nome *Bet Heliahu*, homenageando o pai do judeu benfeitor que a mandou edificar.

As estrelas de David nos

portões, os castiçais na porta e no gradeamento legendam e identificam este templo judaico. No exterior, descobrem-se pormenores interessantes como as várias caleiras que sobressaem das paredes recolhendo a água da chuva para o *Mikvé* (espécie de tanque interior onde se tomam os banhos de purificação).

Como todas as sinagogas encontra-se orientada para Jerusalém, obedecendo, no seu interior, à regra de separação entre homens e mulheres na sala de orações (a galeria destinada a estas situa-se no piso superior).

Entre os objectos de culto que se encontram no interior do templo contam-se *Tora* (o Livro) guardado num armário fechado com uma cortina, o *Kéter Tora* (coroa), o *Yad* (indicador de

leitura), cálices, castiçais, recipientes para as especiarias, etc.

As tradições judaicas incluem um calendário festivo bastante influenciado pelo tempo e pelos ciclos da Natureza. Os Sábados - *Sabbat*, por exemplo, são dias de renascimento espiritual e de festa que pontuam regularmente o tempo. Nesses dias celebra-se o sétimo e último dia da Criação e o fim da escravidão no Egipto. Os judeus acendem as candeias, recitam orações sobre o vinho, cheiram as especiarias, comem o *Chalá* (pão confeccionado sem objectos cortantes, muitas vezes com forma de trança).

Para além da Sinagoga, os sinais da presença desta comunidade judaica estão presentes na História e no Património da Vila Histórica de Belmonte. Na antiga Judiaria e na vila

Calendário Festivo

- *Rosh Hashaná* (Início do Ano Judaico - Setembro/Outubro),
- *Yom Kippur* (Dia do Perdão - marca o final dos dez dias de penitência iniciados em Rosh Hashaná),
- *Sukot* (Festa das Cabanas),
- *Hanuká* (Festa das Luzes - Novembro/Dezembro),
- *Pessah* (Páscoa - Março/Abril),
- *Purim de Ester* (Festa da Rainha Ester),
- *Sim'hath Tora* (Alegria da Lei, aquando da conclusão anual da leitura da Tora - Setembro/Outubro),
- *Tu Bishebat* (Ano Novo das Árvores - Janeiro/Fevereiro)
- *Shavuot* (Festa das Colheitas - Maio/Junho)
- *Tish'a Beab* (Destruição do Templo - Julho/Agosto)

vários são os locais e testemunhos da sua história.

As Lajes da Lã e do Sebo, por exemplo, testemunham algumas actividades desenvolvidas por esta comunidade na Vila. A primeira situa-se na encosta do castelo e seria onde estendiam a lã que tratavam para vender. A segunda encontra-se no local da Antiga Judiaria e o seu tom rosáceo reflecte o seu uso uma vez que nela se faziam bolas de sebo para transaccionar na região ou, mais recentemente, vender à Indústria.

Depois de visitar a Sinagoga continue pela Rua da Fonte da Rosa e observe mais à frente, do lado esquerdo, uma Casa de pedra em ruínas. Foque a sua atenção nas ombreiras das portas e descubra as duas cruzes incisas.

Mais à frente, numa espécie de largo, observe na descida, uma fonte de mergulho - a Fonte da Rosa.

Seguindo, de novo a Rua da Fonte da Rosa, poderá descobrir ainda várias casas com cruzes. A casa de pedra logo a seguir à fonte, à esquerda, é uma delas. Os números 20 e 12, desta rua, ostentam também cruzes visíveis. Esta última tem a data de 1764 gravada junto à cruz.

Outras casas são ainda sobejamente conhecidas pela ligação que tiveram e têm esta comunidade:

- O n.º 10 da Travessa da República que foi um dos locais onde funcionou a Sinagoga, antes da sua Construção em 1996.
- O n.º 98 da Rua do Olival, local de reunião de muitos membros da comunidade que apresenta ainda incrustado na parede o armário mais fotografado da vila, onde colocavam as candeias de Sábado.
- O n.º 18 da Rua do Inverno, onde sempre viveram membros da comunidade e onde se pode observar mais uma cruz.

- Os n.º 151 e 153 da Rua Pedro Álvares Cabral apresentam uma cruz gravada, uma porta mais larga e outra mais estreita, pelo que se pensa ter pertencido a famílias de Cristãos-Novos.

O modo de viver dos judeus reflectiu-se na arquitectura das suas habitações, uma vez que estes eram artesãos e comerciantes. As suas casas apresentam, por isso, um piso inferior destinado à oficina ou loja, razão pela qual apresentam, por vezes duas portas. Diferem ligeiramente da arquitectura tradicional cristã na qual o piso inferior se destina ao gado e o superior à habitação, ao qual se acede por meio de escadas que compõem os famosos balcões ou varandas alpendradas que ainda se descobrem nesta região.

No que se refere à onomástica da comunidade judaica da vila, esta surge associada aos sobrenomes: Sousas, Dias, Henriques, Fernandes, Mendes, Diogo, Rodrigues.

Quanto à gastronomia salienta-se que a dieta judaica não inclui carne de porco, devendo ser uma alimentação *Kasher* (com princípios vários referentes à purificação dos alimentos, especialmente à presença de sangue na carne). O vinho é também fabricado de forma diferente. Recentemente a Adega Cooperativa da Covilhã lançou uma marca de vinho - Terras de Belmonte - que é produzido segundo os preceitos judaicos.

ALHEIRAS - enchido criado pelos Judeus E Cristãos-Novos

A alheira é um enchido que na sua origem era confeccionado sem carne de porco. Durante séculos estes petiscos foram uma máscara para enganar os inquisidores, pois, como se sabe, a cozinha tradicional portuguesa é rica em enchidos feitos de carne de porco e a ausência de fumeiro numa habitação era estranhada. Os judeus, querendo cumprir o preceito dietético de não comer carne de porco corriam o risco de serem facilmente identificados pela Inquisição, por isso, criaram as alheiras secas também no fumeiro.

Se continuar em frente encontrará um largo. Aqui, volte para trás pela Rua Direita que é paralela à Rua Fonte da Rosa. Sensivelmente a meio desta rua corte à esquerda pela Rua Frei Nicolau de Melo. Trata-se de uma rua com escadas que dá acesso ao Largo Afonso Costa.

Neste largo, cuja designação antiga se encontra referenciada na placa toponímica, indicando o local onde existiria uma capela dedicada a S. Pedro, poderá observar o edifício da Banda que foi a Escola mais antiga da Vila.

Junto a um banco de jardim existente no largo, encontrará uma lápide que homenageia Zeca Afonso.

Este poeta e cantor revolucionário viveu em Belmonte com a avó paterna e um tio, Dr. Filomeno Afonso Santos, durante a 2ª Guerra Mundial. Aqui terá tido as suas primeiras paixões amorosas e as suas primeiras animosidades políticas, nomeadamente com o tio, que era chefe da Legião Portuguesa e Presidente da Câmara.

Praça Velha

Pelourinho

Do Largo de Afonso Costa desça até ao Largo do Pelourinho. Aqui encontrará a reconstrução revivalista do marco judicial do município de Belmonte, desmantelado em 1885, na altura da regularização do largo.

Esta reconstituição, datada de 1986 reutilizou algumas das peças originais que foram encontradas em 1975.

O primitivo pelourinho quatrocentista seria muito semelhante ao de Trancoso e terminaria igualmente em gaiola, mas os restantes elementos que o compunham não foram localizados.

Antigos Paços do Concelho

Neste largo, também designado Praça Velha pode ainda observar-se o edifício dos Antigos Paços do Concelho. Datado dos finais do século XV, é constituído por duas alas, uma delas de maiores dimensões e mais erudita que possui remate em cornija. Este edifício de granito onde actualmente funciona a Biblioteca Municipal abrange uma antiga torre que existiria junto às portas da vila. Nessa torre observa-se um enorme relógio, executado por Almeida Dias de Viseu, ali colocado no século passado, e uma sineira de volta perfeita (sobre a cobertura).

Neste antigo *Domus Municipalis* observam-se ainda, na fachada principal o que resta de duas pedras de armas que Junot mandou picar, aquando das invasões francesas, por Belmonte ter resistido às suas tropas (séc. XIX).
Esta praça, ficou marcada

pelos confrontos entre os republicanos e os monárquicos, já que aqui se juntaram, por vezes, símbolos monárquicos e símbolos republicanos.

Na tradição popular ficou célebre a Procissão do Corpo de Deus em que os monárquicos desafiaram os republicanos enfeitando a procissão com azul e branco (cores associadas à monarquia) sem prévia autorização do Administrador do Concelho.

Do Largo do Pelourinho siga pela Rua Heróis da Independência que dá à Rua da Portela. Nessa rua encontra-se o Museu Judaico de Belmonte.

Museu Judaico

Neste Museu poderá saber mais sobre os hábitos e ritos dos judeus, nomeadamente no que se refere à alimentação, vestuário, profissões, utensílios e habitações. O lema aqui é estudar e recordar a História do Judaísmo em Portugal.

Volte à Praça Velha e contorne o edifício dos Antigos Paços do Concelho pela direita. Irá encontrar a Rua 25 de Abril. Vire à direita e siga em frente pela Rua da Sé em direcção à Igreja Matriz.

Um pouco antes de chegar a este largo encontrará, à esquerda, uma casa com balcão e alpendre sustentado por

uma enorme coluna de granito.

Igreja Matriz

No largo Padre José Franco encontrará a Igreja da Sagrada Família que foi inaugurada em 1940. Construída por iniciativa do pároco que dá nome ao largo, em terreno oferecido pela família *Pignatelli*, esta igreja reúne vários estilos revivalistas e ecléticos.

Na fachada principal, as cornijas dos remates dos pórticos e das janelas são neobarrocas e as respectivas portas metálicas apresentam decoração neomanuelina. Os dois nichos, por cima da entrada principal, abrigam as esculturas de Santiago e da Virgem com o Menino e a janela quadrada que as encima é segmentada em

Cruz de Malta. Os planos laterais, simétricos, são divididos da zona central por pilastras que se elevam até ao remate, e apresentam porta e janela de verga recta, de molduras igualmente recortadas com remate em cornija angular curva.

A fachada remata, em frontão encurvado interrompido, formando, na zona central, empena curva, truncada pela torre sineira. Esta apresenta, vão de volta perfeita em cada face e remate em cornija, balaustrada e pináculos que firmam as pilastras nos cunhais.

No interior a talha dourada é, maioritariamente, neogótica, excepto a do retábulo lateral de Nossa Senhora da Esperança que é neomanuelino.

Ultrapassando a porta principal, entra-se numa espécie de endonártex com cobertura de talha pintada de castanho e representação central da Sagrada Família, encimada pela pomba do Espírito Santo. Aqui, no lado do Evangelho, rasga-se o vão do baptistério, em arco de volta perfeita. A pia baptismal é de granito, sendo encimada por um quadro relevado representando o Baptismo de Cristo. Na nave as paredes brancas apresentam lambril pintado a "grisaille", formando rosetões, sendo rasgadas por janelas protegidas por vidro branco com cruz vermelha ao centro. A cobertura de madeira pintada a castanho é composta por falsas abóbadas, de berço e meio berço escalonadas. O Coro-alto de madeira assenta em duas colunas jónicas, sendo protegido por teia de madeira pintada de castanho e balaustrada onde surge uma cartela vegetalista que ostenta as iniciais do pároco responsável pelas obras e a data 1938. A cobertura do sub-coro é de madeira, pintada a castanho, dividida em apainelados ostentando a seguinte decoração em relevo: um *Agnus-Dei* (centro), um cálice e hóstia com cadeia e várias gavinhas (Lado do Evangelho), símbolos da paixão cruz, lança, escadas, archotes, martelo, turquês e o monograma "IHS" (Lado da Epístola).

Os púlpitos são de talha polícroma e dourada, assentes em coluna decorada, com guarda apainelada, que ostenta as figuras dos Apóstolos, São Pedro (no do Lado do Evangelho), São Paulo e cenas da vida de Cristo (do Lado da Epístola); o baldaquino é encimado por

pináculos e edícula central com remates rendilhados.

No lado do Evangelho, observa-se o magnífico retábulo de talha dourada dedicado a Nossa Senhora da Esperança, cuja escultura se pode observar acompanhada pela imagem de Nossa Senhora da Aparecida, oferecida a Belmonte pelo Brasil. Neste retábulo pode ver-se, também uma réplica da cruz de ferro que terá presidido às duas Missas que Pedro Álvares Cabral mandou celebrar no Brasil em 26 de Abril e 1 de Maio de 1500.

No lado oposto da nave,

observa-se o grupo escultórico de São João de Brito, inserido num vão de cantaria de volta perfeita com pedra de fecho com flor estilizada. Do lado direito, na parede, observa-se São Francisco, uma imagem que terá vindo do Convento de Nossa Senhora da Esperança.

Os retábulos colaterais são dedicados a Nossa Senhora de Fátima (esquerda) e São José com o Menino (direita). No retábulo de Nossa Senhora de Fátima observam-se também as esculturas de Jacinta e Francisco.

A capela-mor, antecedida por um arco triunfal de volta perfeita, apresenta, nas paredes laterais silhar de azulejos padrão e duas tribunas (de cada lado) de talha

policroma sobre as sacristias, com vãos e estrutura composta por mísula, guarda balaustrada, colunas laterais, pináculos e frontão central. Entre as tribunas, em cada uma das paredes, dois pequenos quadros de azulejos historiados – João de Brito (à esquerda) e Nuno Álvares Pereira (à direita). A cobertura em falsa abóbada de berço de madeira apresenta uma cruz central.

O retábulo-mor de talha polícroma apresenta planta côncava e três eixos. O eixo central apresenta enorme tribuna de volta perfeita com fundo a fingir brocados e trono com baldaquino que ostenta o conjunto escultórico da Sagrada Família. Lateralmente, o retábulo-mor, é composto por dois nichos com mísulas projectadas, contendo as esculturas do Sagrado Coração de Jesus (à esquerda) e o Arcanjo S. Miguel (à direita). Os remates da tribuna e dos nichos laterais são compostos por arcos polilobados, colunas e pináculos. No sotabanco observa-se o sacrário, inserido em estrutura com quatro colunas e remate rendilhado, tendo na porta uma custódia e sendo ladeado por anjos relevados em adoração. Nos pilares que sustentam as colunas que flanqueiam a tribuna, surge uma pequena coluna que sustenta duas imagens: Santiago (à direita) e Santa Teresa (à esquerda).

O autor dos desenhos da maioria da talha desta igreja foi Manuel da Costa, marceneiro da Guarda. O retábulo da Nossa Senhora da Esperança, por sua vez, foi executado pelo entalhador bracarense Lourenço Lopes Gomes.

Nossa Senhora da Esperança

Festa: 26 de Abril - Procissão em Belmonte

Segundo a tradição, esta escultura terá acompanhado Pedro Álvares Cabral na viagem em que descobriu o Brasil. A devoção por Nossa Senhora da Esperança, já antiga na família Cabral, esteve desde cedo associada à ermida construída, na Serra de Montes Crestados, em Belmonte, por Álvaro Gil Cabral e sua mulher D. Maria Gil Cabral e acabou por dar o nome ao convento e à serra.

Trata-se de uma imagem em pedra de Ançã do século XV que alguns atribuem à escola de João de Ruão outras à do Mestre Afonso.

Esta invocação da Virgem - a Esperança - é simbolizada iconograficamente pelo Menino Jesus, que a Virgem trouxe ao Mundo para ser o Redentor, e pelo Cacho de Uvas com que o Menino alimenta a ave, ou seja a Humanidade.

Esta devota imagem outrora pertencente ao Convento de Nossa Senhora da Esperança esteve na Capela de São Francisco, de onde foi, posteriormente, para a Igreja de S. Tiago. Actualmente encontra-se na Igreja Matriz, para onde foi transferida em 1960.

Os Milagres de Nossa Senhora da Esperança

As pessoas de Belmonte têm para com Nossa Senhora da Esperança uma grande devoção e fé, fortalecida, em parte, por vários fenómenos sociais e políticos.

Terá sido Nossa Senhora da Esperança que, segundo a tradição, valeu a D. Maria Antónia de Brito, viúva de Fernão Cabral, Senhor de Belmonte, quando em 1694 houve um incêndio numa das casas do Castelo e aquela senhora pediu a Nossa Senhora da Esperança que lhe valesse, pois, feito o pedido o vento aplacou e o incêndio foi facilmente dominado.

Também a Nossa Senhora da Esperança é atribuído o dom da cura dos doentes, por isso, em caso de doença, costuma-se buscar um dos Mantos de Nossa Senhora para o colocar sobre o enfermo que dessa forma recupera do mal.

São por isso famosas as ofertas de novos mantos ou de jóias a Nossa Senhora como recompensas pelas graças recebidas.

Foi por causa da Devoção e do Orgulho que as gentes de Belmonte têm pela Nossa Senhora da Esperança que já por duas vezes impediram a sua saída da vila.

No primeiro episódio o povo retirou a imagem da Igreja e escondeu-a na cama de duas raparigas solteiras para evitar a sua ida para a inauguração de Brasília (no tempo do Cardeal Cerejeira). O segundo episódio deu-se por ocasião da Feira Internacional de Sevilha.

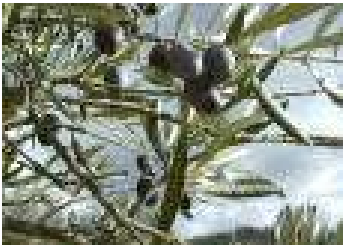
Saindo da Igreja Matriz desça até ao Largo 5 de Outubro e daí em direcção à Rua Pedro Álvares Cabral. Depois siga para o Museu de Azeite.

MUSEU DO AZEITE - Centro de Interpretação do Azeite

Este Museu é multifuncional, contando com dois pisos que incluem um restaurante panorâmico e uma cafetaria. No exterior o visitante poderá usufruir de uma área de lazer onde existe um olival que se mantém preservado.

O principal objectivo deste espaço e edifício é dar a conhecer ao visitante as Técnicas da Produção do Azeite e a importância que este teve na economia local. Nessa perspectiva o visitante poderá ver aqui abordados temas como:

- "Explicação do Processo Produtivo Local",
- "Tipos de Azeite",
- "O Futuro do Azeite - Experiências de Valorização",
- "A Oliveira e a Civilização",
- "A Oliveira em Portugal",
- "Olivais da Cova da Beira",
- "A Importância Ecológica do Olival",
- "Ciclo Anual da Cultura da Oliveira e produção de azeite"
- "Introdução à Tecnologia do Lagar de Belmonte"



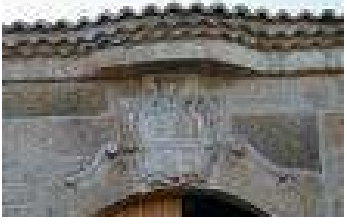
Regresse de novo à Rua Pedro Álvares Cabral onde encontrará vários locais de interesse. Comece pelo edifício que é vulgarmente designado por Tulha dos Cabrais, onde hoje poderá descobrir o rio Zêzere.

Ecomuseu do Zêzere

Horário: Todos os dias das 9:30h às 12:30h e das 14h às 17:30h. Excepto segundas-feiras e feriados
Informações: 275 910 010

O edifício que hoje aloja o Ecomuseu do Zêzere foi construído nos séculos XVI-XVII, tendo sido utilizado como celeiro dos Cabrais. Classificado como património de Valor Concelhio em 1997, esteve ligado ao trabalho agrícola e à arrecadação das rendas devidas pelos camponeses aos Cabrais, mas também ao lazer, uma vez que aqui se representaram algumas peças de teatro antes da construção da Casa do Povo.

Neste espaço museológico o visitante terá oportunidade de analisar as diversas fases do percurso do rio Zêzere desde a nascente até à foz. Em cada uma das fases poderá observar o tipo de fauna e flora dominante. A utilização das águas fluviais para a energia eléctrica, através das barragens, e os perigos da poluição são também temas que verá abordados neste local.



À saída, do lado esquerdo, poderá observar o vale que o Zêzere atravessa e os vastos campos de cultivo que ladeiam as suas margens.

Em frente descubra, o Solar dos Condes de Belmonte.

Solar dos Cabrais

A designada Casa dos Condes foi construída nos séculos XVIII/XIX e substituiu, de alguma forma, o Paço do Castelo que havia sido devorado pelas chamas. Na verdade esta seria a segunda residência da família Cabral cujo título de Conde foi criado em 1806 na pessoa de D. Vasco Manuel Figueiredo Cabral da Câmara, ao qual se sucederam:

2.º - D. José Maria Figueiredo Cabral da Câmara
3.º - D. Vasco António Figueiredo Cabral da Câmara
4.º - D. José Maria Figueiredo Cabral da Câmara
5.º - D. Vasco Maria Figueiredo Cabral da Câmara

Trata-se de um edifício de granito com planta rectangular, composto por dois pisos definidos na fachada principal, por faixa de granito, um pano em pedra com aparelho almofadado, limitado por pilastras. No primeiro piso destaca-se um portão encimado pelo brasão dos Condes.

Actualmente está a ser projectado para este edifício um Centro Interpretativo dos Descobrimentos.

Mais à frente, do outro lado da rua, observe o edifício da Câmara Municipal de Belmonte.

Paços do Concelho

Este edifício oitocentista, o único deste género existente na sede de Concelho, foi edificado em 1884 por ordem dos descendentes da família de João Mendes Fajardo, que havia sido nomeado Capitão da Vila em 23 de Março de 1801.

Foi adquirido pela Câmara em duas fases, uma em 1948 e outra em 1969, data em que foi remodelado para albergar a Câmara Municipal.

Em 1997 foi classificado como Imóvel de Valor Concelhio.

Estátua de Pedro Álvares Cabral

Mais à frente, à esquerda, poderá observar a estátua a Pedro Álvares Cabral, descobridor do Brasil, nascido em Belmonte, onde seu pai Fernão Cabral, 1º alcaide-mor do Castelo de Belmonte, e sua mãe Isabel de Gouveia viveram e foram sepultados.

Trata-se de uma escultura executada em 1961 por Álvaro Brée, oferecida pelo Ministério das Obras Públicas e inaugurada por Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Nela o capitão-mor da segunda frota com destino à Índia é apresentado com uma postura calma, firme e pensativa, ostentando o Astrolábio numa mão e a cruz e a espada na outra. Este filho segundo, nascido em 1469, pertencia já em 1484, à lista de fidalgos da Casa de D. João II, de quem recebia mil réis mensais de moradia. Desde o tempo deste rei que Pedro Álvares Cabral recebia também tenças anuais.

Foi cavaleiro da Ordem de Cristo razão pela qual recebia quarenta mil réis anuais, em 1500.

Terá participado em campanhas no norte de África, nomeadamente na Graciosa, onde terá sido armado cavaleiro.

O seu mais valoroso feito decorreu da missão que lhe fora confiada, por D. Manuel I, através da carta de nomeação de capitão-mor, datada de 5 de Fevereiro de 1500. Depois dos resultados da viagem marítima de Vasco da Gama o rei quis enviar uma segunda frota à Índia. Para isso escolheu Pedro Álvares Cabral cujas incumbências, nesta viagem, pressupunham: assegurar o estabelecimento dos portugueses no comércio das especiarias e outros produtos preciosos na Índia, através da criação de feitorias, nomeadamente a de Calecut (a mais importante) e assegurar as relações estáveis com as povoações da África Oriental (Sofala, Moçambique, Quíloa e Melinde).

Depois de uma cerimónia solene, que decorreu no dia 8 de Março de 1500 no Restelo, durante a qual o rei se despediu dos cerca de 1500 homens que equipavam a armada composta por 13 navios, a frota comandada por Pedro Álvares Cabral zarpou (na manhã de 9 de Março) mar adentro.

A 22 de Março avistaram a Ilha de S. Nicolau (arquipélago de Cabo Verde) e depois de passarem o Equador rumaram para ocidente, como fizera a rota de Vasco da Gama, com o intuito de encontrar ventos favoráveis para a passagem do Cabo da Boa Esperança.

No dia 21 de Abril, observaram plantas a boiar na água e aves a voar - sinais da existência de terra nas proximidades.

A existência de terra foi confirmada no dia 22 de Abril quando a horas de vésperas se avistou um monte que foi denominado de Monte Pascoal em virtude de se encontrarem nessa época festiva. O local descoberto foi baptizado de Terra de Vera Cruz pelo Capitão-mor.

No dia 23 de Abril Nicolau Coelho foi incumbido pelo capitão-mor de fazer o primeiro reconhecimento do local para onde se dirigiu de batel. Esse reconhecimento terá ocorrido na zona do rio Frade, onde pela primeira vez viram os Ameríndios, descritos sugestivamente por Pêro Vaz de Caminha.

No dia 24 de Abril, devido a um temporal que agitou bastante os barcos durante a noite anterior, levantaram ferro e procuraram um bom ancoradouro para a frota: Porto Seguro (a actual Baía de Cabrália).

O dia 26 de Abril (data em que se comemora o dia do concelho de Belmonte e se faz a procissão de Nossa Senhora da Esperança) que em 1500, foi Domingo de Pascoela ficou marcado pela celebração por Frei Henrique de Coimbra, da primeira missa no Brasil. Foi nesta data que o Capitão-mor, descobridor do Brasil, desembarcou no recife da Ponta da Coroa Vermelha.

No dia anterior à partida da armada, Pedro Álvares Cabral mandou colocar uma cruz em pau-brasil no sítio onde se podia fazer a aguada, idêntica à que hoje se pode observar junto ao Castelo de Belmonte. No dia 2 de Maio, a frota deixa o Brasil em direcção à Índia para cumprir a sua missão. A nova do descobrimento do Brasil foi a caminho de Lisboa numa nau comandada por Gaspar Lemos.

As circunstâncias que envolveram o descobrimento do Brasil por Pedro Álvares Cabral têm sido alvo de acesas discussões entre

investigadores, contudo, quer tenha sido uma descoberta intencional ou ocasional, com precursores ou não, o que é certo é que a partir dessa data uma nova página da História de Portugal e do Mundo se escreveu. O descobrimento do Brasil marcou o conhecimento de um Mundo Novo que a seu tempo se tornou deveras importante para a História Universal.

A lápide que se observa junto ao "Pedro", como muitos o tratam por aqui, ostenta o excerto mais célebre da carta de achamento da nova terra, da autoria de Pêro Vaz de Caminha - verdadeira certidão de nascimento do Brasil.

Depois de uma estadia atribulada nas Índias Pedro Álvares Cabral regressa a Lisboa, onde chegou no fim de Julho de 1501 com um valioso carregamento de mercadorias. Tinha estabelecido contactos com os locais que haviam sido preestabelecidos, tendo deixado feitorias em Cochim e Sofala.

Depois desta viagem, marcada sobretudo pelo descobrimento do Brasil, Pedro Álvares Cabral contraiu matrimónio (1503) com D. Isabel de Castro, donzela da rainha e sobrinha de D. Afonso de Albuquerque, vivendo em Santarém onde acabou por falecer, em 1519 ou 1520, e onde foi sepultado na Igreja da Graça.

A estátua de Pedro Álvares Cabral que se encontra em Belmonte constitui uma das várias representações que têm sido feitas do Descobridor do Brasil. Existem ainda estátuas em Santarém e Lisboa. Mas saliente-se

duas outras representações de Pedro Álvares Cabral, identificadas por alguns especialistas como tal - são concretamente o medalhão que aqui se reproduz existente no claustro do Mosteiro dos Jerónimos e o Rei Mago que se encontra ajoelhado num dos painéis do Antigo Retábulo da Sé de Viseu - A Adoração dos Reis Magos - da oficina de Grão Vasco (Museu Grão Vasco, Viseu)

Junto à estátua, à esquerda, observe uma casa cuja fachada principal se encontra virada para a Rua Pedro Álvares Cabral, com azulejos de padrão azuis, painel dedicado a Nossa Senhora da Esperança e varanda com guarda abalaustrada de granito.

Esta belíssima casa estende-se (nas traseiras) até ao Largo António José de Almeida - que se trata de um amplo espaço delimitado por casas de arquitectura vernacular, algumas com influências estilísticas de inícios do século XX, sobretudo no que diz respeito ao revestimento de fachadas.

Note-se, por exemplo, a casa n.º 79 e as casas que a ladeiam à esquerda e à direita.

A casa n.º 79, merecedora de atenção redobrada, é um exemplar de arquitectura civil residencial da primeira metade do século XX - Arte Nova - com dois pisos, sendo o inferior revestido a azulejo padrão policromo, rasgado por duas portas de verga recta com moldura de cantaria simples e o superior marcado por duas portas centrais, ladeadas por janelas de peitoril, todas em volta perfeita, com caixilhos de madeira, bandeira e vidros coloridos. Todos os vãos abrem para a varanda, em cantaria, com guarda de ferro forjado formando três módulos repetidos de flor estilizada central, que ocupa a largura total da fachada.

Neste largo, onde terá existido a Capela de S. Francisco, ainda pode encontrar um Chafariz em Arte Déco.

Na Rua Almirante Cândido dos Reis, à qual acede pela rua que contorna a habitação cuja fachada apresenta azulejos azuis, encontrará um outro edifício cuja arquitectura é bastante interessante.

Se subir a rua em direcção à Rua Pedro Álvares Cabral poderá regressar ao Castelo através da Rua do Inverno aproveitando para observar

a casa n.º 18, onde sempre viveram membros da comunidade judaica e descobrir mais uma cruz incisa.

Se descer a rua terá oportunidade de ver a Fonte Grande que se situa junto aos Bombeiros Voluntários de Belmonte, à Piscina Municipal e à Junta de Freguesia.

A Fonte Grande situa-se no extremo da via pública, podendo o visitante observar, junto dela, uma magnífica panorâmica do vale e da Serra da Estrela.

Esta fonte foi edificada em 1868, sofrendo intervenção em 1907. Apresenta espaldar rectilíneo, com remate encurvado em friso e cornija, circunscrito por pilastras toscanas. Possui duas bicas circulares que vertem para tanque rectangular de bordos simples.

Existem ainda outras fontes e chafarizes na vila.

A Fontinha situa-se na Rua da Fontinha, data do século XIX, e apresenta espaldar rectangular, em cantaria de granito, flanqueado por pilastras simples e rematado com friso e cornija, tendo ainda cartela com ângulos curvos encimada por motivo fitomórfico estilizado. Na base apresenta duas bicas que jorram para tanque rectangular de bordo simples.

O Chafariz do Areal situa-se na encosta do castelo, junto a uma calçada medieval.

Percurso de Automóvel

De regresso ao automóvel dirija-se à Pousada de Belmonte. Para isso percorra a Rua Pedro Álvares Cabral, passando pelo Jardim, em direcção ao Campo de Futebol, junto ao qual deve virar à direita e seguir as placas que indicam a pousada.

Mais à frente encontrará a Capela de Santo Antão construída em 1908 por iniciativa de José Sousa, Alfredo Sousa, José António Dias e José Pacheco (republicanos).

Trata-se de um exemplar de arquitectura religiosa vernacular novecentista de planta longitudinal simples, com fachada principal circunscrita por cunhais apilastrados firmados por pináculos piramidais, remate em empena com cornija e cruz latina no vértice, portal composto por arco abatido, ladeado por duas frestas e encimado por uma janela.

No interior, esta capela, apresenta coro alto de madeira assente sobre duas colunas toscanas, capela-mor definida por arco triunfal abatido, com cobertura de betão pintada de branco onde se inscreve a ara do altar.

O Santo Antão é muito venerado na região de Belmonte e arredores. Esse fenómeno traduz-se pela existência, no Concelho, de várias capelas dedicadas a este Santo e deve-se, em parte, à existência de uma imagem muito venerada do antigo Convento dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho em Benespera (pertencente ao Concelho da Guarda).

A romaria tem lugar no último Domingo de Maio.

De seguida dirija-se para a Pousada de Belmonte construída

Convento de Nossa Senhora da Esperança

Este antigo Convento classificado como Imóvel de Interesse Público por Decreto-Lei de 3 de Janeiro de 1986 esteve ligado à família Cabral desde o século XIII. A sacralização deste local, através da fundação de uma capela e de um ermitério, verificou-se entre os anos de 1240 e

1260 por iniciativa de Gil Álvares Cabral e sua mulher Maria Gil Cabral.

Alguns autores, como Frei Agostinho de Santa Maria, defendem que terá sido nessa capela que Pedro Álvares Cabral depositou a imagem de Nossa Senhora da Esperança quando regressou da Índia depois desta imagem o ter, supostamente, acompanhado na descoberta do Brasil.

A relação estabelecida, a partir daí, com essa imagem acabou por dar o nome ao convento fundado por acção de D. Jorge Cabral, que para tal efeito doou a quinta e a ermida aos Frades da Ordem Terceira Regular de S. Francisco ou dos Frades Menores de S. Francisco da Covilhã (1536).

Este Cabral era filho segundo do alcaide-mor de Belmonte, João Fernandes Cabral e de Joana de Castro, filha de D. Rodrigo Castro, alcaide-mor da Covilhã, e camareira-mor da rainha D. Leonor, e foi capitão de mar e de guerra e governador da Índia.

A construção deste convento foi pretexto para a reedificação de uma nova igreja que substituiu a ermida, e, obviamente de todas as estruturas conventuais, tais como dormitórios, claustro, hospedaria e oficinas.

A vida dos frades, que raramente ultrapassaram os quinze, foi marcada pela simplicidade e pela pobreza, não se resumindo, no entanto, ao cumprimento das obrigações conventuais pois os frades deste convento também prestavam assistência aos pobres, participando na pastoral das aldeias e

assistindo mesmo em capelanias nobres.

De entre os seus religiosos destacaram-se pelo seu intelecto e importância religiosa frades como Frei Manuel dos Anjos (autor de obras bastante célebres como a *História Universal do Mundo* e *Política Predicável, Doutrina Moral do Bom Governo do Mundo)*, Frei Manuel Santo António e Frei Sebastião da Encarnação.

A história deste convento ficou igualmente marcada pela redacção dos mais antigos estatutos da Ordem dos Terceiros Regulares em Portugal, aprovados em 1585, pelo papa Gregório XIII. Para esse efeito reuniram-se aqui, em capítulo intermédio, no ano de 1584, o ministro provincial Frei Francisco Paixão e os vários ministros locais e definidores dos Frades da Província da Ordem Terceira.

Em matéria de benefícios e doações a este Convento salientam-se a Esmola da Especiaria concedida por D. Sebastião em 1571, um depósito de relíquias de 23 Santos, provenientes do cemitério de São Calepónio, uma Santa Esperança, do cemitério de São Calisto de Roma, no ano de 1597 e uma arroba de cera e outra de açúcar dada em 1644 por D. João IV.

No que diz respeito a autorizações salientam-se aquelas que permitiram aos frades a pregação da Quaresma em Belmonte (1619) e em Caria (1747).

Em 1718, sob o comissariado de Frei Sefarim das Chagas, o Convento de Belmonte tornou-se cabeça da Ordem Terceira, ficando sobre sua alçada os lugares de Maçainhas, Benespera, Inguias, Caria, Malpique, Orjais e outros.

O seu declínio não é de fácil datação mas sabe-se que em 1758 já não tinha padroado. De resto, à data de extinção das ordens religiosas pelo decreto de Joaquim António de Aguiar este convento encontrar--se-ia já abandonado e em ruínas. Os frades terão saído do convento após a

pilhagem sofrida pelas Invasões Francesas.

Depois de extintas as ordens religiosas os bens acabaram por ser vendidos em hasta pública. O mesmo aconteceu com o Convento de Nossa Senhora da Esperança que em 1939 foi arrematado por José Homem de Figueiredo Leitão, 1º Conde de Caria.

Quanto aos bens móveis sabe-se que alguns foram entregues ao Bispo da Guarda e que este os entregou a outras igrejas e Capelas. O retábulo-mor da Igreja foi para a Igreja de S. Silvestre (Matriz) das Inguias onde ainda se encontra.

Actualmente, no Convento, funciona a Pousada de Belmonte, resultante de um projecto de adaptação da autoria do Arquitecto Luís Rebelo de Andrade.

Antes da construção desta pousada foram feitas escavações arqueológicas na zona da cozinha (onde foi identificado um fogão e o assento de um armário de loiça), do refeitório e da Sala *De Profundis*.

Nesta altura foi possível perceber um pouco melhor a estrutura formal deste convento composto por Igreja de planta longitudinal simples formada por dois rectângulos, com sacristia adossada à capela-mor, cuja fachada principal apresenta portal em arco pleno com arquivoltas, uma das quais decoradas com esferas, encimada por óculo circular e campanário incorporado lateralmente. O claustro apresenta planta trapezoidal irregular com dependências conventuais adossadas à ala sul.

Quanto às características arquitectónicas deste convento é possível verificar-se uma conjunção de elementos pontuais de feição manuelina e classicista com tipologias próprias da construção rural beirã.

Depois de visitar a Pousada volte para trás até ao cruzamento junto do campo de futebol no qual deve virar à direita em direcção a Caria.

Depois de passar numa zona de habitações poderá encontrar um largo com uma fonte e um pequeno jardim. Mais à frente, à esquerda, poderá observar os cemitérios Cristão e Judaico lado a lado.

Continue até encontrar uma rotunda. Saia na primeira à direita e tenha atenção à placa informativa que indica a Fonte do Soldado (à esquerda).

Fonte do Soldado

Esta fonte, situa-se muito perto da estrada, no desnível do caminho de terra que lhe dá acesso.

Trata-se de uma fonte romana de aspecto peculiar, visto ser escavada num aforamento rochoso. A sua designação deriva de uma lenda que a associa a uma Laje da Fidalga que dista cerca de 3 Km.

Esta lenda conta que numa guerra ou num cerco do castelo tomou parte na defesa uma fidalga que a certa altura terá disparado sobre um soldado, de tal forma que a cabeça foi parar a uma laje e o corpo a uma fonte.

Se quiser visitar a Laje da Fidalga vire à esquerda no próximo cruzamento e siga as placas informativas.

Se não quiser, siga em frente em direcção à vila de Caria e à localidade de Malpique.

No caminho poderá observar a belíssima paisagem rural.

A estrada é, a certa altura, interceptada pelo caminho-de-ferro que depois a acompanha.

Mais à frente encontrará uma placa com indicação de Malpique. Se quiser poderá virar à direita e visitar esta pequena povoação.

Malpique

Nas Inquirições Paroquiais de 1758, Malpique é referida como um lugar do termo de Belmonte, contando já com 30 vizinhos. Nessa altura, era designada por Malpica.

Este lugar teria origem numa grande quinta onde predominava e predomina o patronímico Reis, não se sabe ao certo porque razões.

No centro desta pequena localidade, onde existem ainda algumas casas típicas, pouco adulteradas, descobre-se a Capela de Malpique.

Capela de Nossa Senhora dos Remédios

Trata-se de uma capela de planta simples cuja fachada principal é rasgada por uma porta de lintel recto, encimada por janela rectangular. No vértice ostenta cruz latina de granito. O púlpito de pedra, situado do lado esquerdo foi reconstruído e esteve anteriormente no interior da Capela. A sacristia encontra-se adossada à direita.

No interior, o retábulo, de execução relativamente recente, acolhe a imagem de roque de Nossa Senhora dos Remédios. Esta imagem tem vários vestidos, que foram oferecidos pelos devotos. Outrora no dia da sua festa cobriam-na de notas. Também o seu cabelo lhe foi oferecido assim como as jóias de ouro com que é ornamentada durante a festa.

Das restantes imagens que se encontram ao culto nesta capela, destaca-se um Sagrado Coração de Jesus cuja execução

poderá remontar ao século XVIII. Segundo informações dos populares, esta imagem terá sido trazida da Igreja de Caria para esta Capela por uma mulher que a carregou sozinha.

Se preferir visitar primeiro a vila de Caria terá de seguir a estrada até chegar perto de uma ponte.

Se esteve atento já teve oportunidade de observar o casario da Vila de Caria, encimado pela torre da Igreja Matriz e pelo Depósito de Água.

Caria

Analise o Mapa

Atravesse a Ponte de São Sebastião, de onde observará a Fonte de São Sebastião, em direcção ao centro da Vila.

Passará por uma escola primária, à direita, e, um pouco mais à frente, por uma estação dos CTT, (à esquerda). À frente, junto à Fonte onde se vê o nome e o brasão da Vila vire à esquerda e suba a rua do Forno.

Siga sempre em frente até chegar ao Largo do Poço. Continue pela rua da esquerda subindo pela Rua da Igreja até à Igreja Matriz.

Estacione o carro e descubra Caria.

O topónimo de Caria tem sido alvo de atenção por parte de alguns estudiosos de tal forma que existem diversas teses sobre a sua origem. Segundo uns, Caria provém das palavras árabes Quiria ou Alcaria, que significavam povoação. Segundo Pinho Leal, no seu *Portugal Antigo e Moderno*, Caria significaria, na baixa latinidade pão e também malatolta, isto é, mau costume, injustiça e violenta imposição de foro ou tributo.

A presença humana nesta zona do concelho é bastante antiga a avaliar pelos testemunhos que foram deixados - a Anta da Quinta da Anta, o Castro de São Geraldo, os troços de vias romanas, etc.

Vários são os relatos que tentam comprovar essa antiguidade. João de Almeida, por exemplo, no seu *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses*, afirma mesmo que os romanos terão construído uma fortificação no cimo do outeiro, onde existe hoje a Casa da Torre. Esta hipótese é também levantada por Aurélio Ricardo Belo que a reforça pela existência, nas proximidades, de um cruzamento de vias romanas: Via Mérida - Idanha - Braga e via Covilhã - Vale de Lobo.

No mesmo Roteiro de João de Almeida, o autor acredita que nesse local terá sido construído provavelmente um Castelo.

A documentação medieval revela que por volta do ano 1245 o cónego Deão da Guarda, Martim Caria se estabeleceu neste lugar gerindo bens que tinham sido herdados de seu pai. Segundo alguns autores, este facto poderá explicar por si só o topónimo de Caria, ou seja, o nome da povoação teria sido gentílico acabando por se tornar também topónimo.

As Inquirições de D. Dinis, em 1290, referem que o mesmo Deão terá filhado do herdamento do Concelho da Covilhã para alargar o seu território, razão pela qual terá sido assassinado.

Essa morte, não resolveu o problema da Covilhã, pois em 1250 o bispo da Guarda D. Rodrigo Fernandes ter-se-á apoderado dos bens do Deão Martim Caria.

A oposição da Covilhã a este Bispo da Guarda acabou por se revelar infrutífera resultando na excomunhão dos seus homens.

As lutas por causa desta vila são frequentes. Caria esteve no cerne de disputas entre o Concelho

da Covilhã e o Bispo da Guarda (séculos XIII e XIV) e entre as Câmaras de Belmonte e Covilhã (Século XVI).

A restauração da Diocese da Egitânia com sede na Guarda, por D. Sancho I (1199), contribuiu também para disputas entre os bispos daquela diocese e os de Coimbra. Apesar das discórdias, os Bispos da Guarda acabaram por se impor gradualmente em Caria, onde foi construída uma residência episcopal que terá adaptado uma torre existente no local. Esta residência conhecida por Casa da Torre foi casa de campo dos bispos da Guarda e até há pouco tempo serviu de residência paroquial. Tratou-se de uma das estratégias de consolidação do bispado da Guarda que visavam, sobretudo, contrariar o poder que os Bispos de Coimbra tinham tido aqui antes da restauração da diocese da Egitânia.

Devido às diligências de D. Frei João Martins, Caria recebeu, em 1278, regalias de tipo concelhio. Apesar da Covilhã lhe conseguir retirar essas regalias (1354) durante 10 anos o Bispo acabou por as recuperar mais tarde.

A ligação dos Bispos da Guarda a Caria não se resumia a uma questão de foros, já que, por exemplo, em 1311, o Bispo D. Vasco Martins de Alvelos se encontrava aqui instalado, fazendo testamento na sua "Câmara de Caria da Covilhã" e que D. Guterres I fixou residência em Caria, onde viria a falecer.

Em 1474, Caria aparece mencionada no "*Tombo dos Bens Foros e das Propriedades que pertencem ao Concelho da Vila da Covilhã*".

Segundo alguns autores, Caria terá tido foral dado por D. Manuel em 1512.

São conhecidas as Memórias Paroquiais de Caria (1758), as quais são compostas por informações redigidas pelo pároco, em resposta a um questionário que lhe fora enviado por ordem do Marquês de Pombal. Caria terá sido sede de concelho, o qual foi extinto em 1855.

Em 1895 o Concelho de Belmonte foi suprimido acabando por integrar o Concelho da Covilhã, juntamente com Caria e outras freguesias. Só em 1924 Caria foi elevada à

categoria de Vila.

No século XIX e inícios do século XX teve bastante importância comercial sendo bastante concorrida a sua Estação de Caminhos-de-Ferro.

Na década de 20 do século passado era conhecida pelas famosas Termas de Águas Radium, distinguidas no Congresso Hidrológico de Lyon de 1927 com a designação de "águas mais radioactivas do Mundo" (na estrada que vai para Sortelha - propriedade privada).

Na década de trinta teve sede da Legião Portuguesa, criada pelo Dr. Mário Galvão Videira, que foi presidente da Câmara de Belmonte.

Percurso Pedestre

Analise o Mapa

Se seguiu as instruções dadas anteriormente, encontra-se perto da Igreja Matriz de Caria cujo adro poderá desfrutar de uma ampla paisagem que inclui a encosta da Serra da Estrela, onde se implanta a cidade da Covilhã, a Serra da Esperança e a Vila de Belmonte.

Igreja Matriz de Caria

Este magnífico edifício cuja imponência do granito lhe confere um quê de simplicidade, esconde elementos artísticos bastante excepcionais.

Algumas referências a uma Igreja paroquial de Caria em 1359 fazem supor que antes da Igreja que hoje se pode contemplar (construída no século XVIII) existiria uma outra Igreja. As Memórias Paroquiais de 1758 referem mesmo que o antigo orago da Igreja paroquial de Caria teria sido Nossa Senhora de Lavacolhos.

Hoje a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Matriz de Caria, situa-se ao centro de um adro murado onde se encontram várias cruzes que compunham, outrora, a via-sacra (com 14

passos). Das existentes apenas a que se situa do lado esquerdo das escadas apresenta parte das decorações originais (na sua maioria simbologia cristã relacionada com a Paixão de Cristo). O plinto da Cruz que se observa à direita ostenta as iniciais IHS o que faz com que seja identificado como original.

Esta Igreja maneirista e barroca apresenta planta longitudinal composta por três corpos de naves, capela-mor, torre sineira e duas sacristias de planta quadrangular adossadas à cabeceira.

As fachadas apresentam cunhais apilastrados rematados por pináculos. A fachada principal é rasgada por portal com arco de volta perfeita enquadrado por decoração, encimado por óculo quadrilobado com vitral executado em 1873. Os remates são em friso cornija e beiral. A fachada principal apresenta cruz de granito no vértice.

A torre é adossada à direita e apresenta dois registos, o primeiro rasgado por dois óculos igualmente quadrilobados e o segundo por sineiras de volta perfeita. Remata em coruchéu piramidal com pináculos sobre a cornija, e relógios. A fachada lateral da torre apresenta registo de azulejos com o "Baptismo de Cristo". O acesso à torre é feito por escadaria exterior, com voluta no arranque da guarda, que acede a porta protegida por alpendre.

À entrada da porta principal descobrem-se no chão algumas pedras com letras gravadas que nos indicam tratarem-se de pedras tumulares.

Na fachada lateral direita, na parede da Capela-mor, pode ler-se a seguinte inscrição epigrafada: "O Prior P.º Alvares Cabral/mandou Reedificar Es/ta Capella. Anno 1701".

No interior, junto à porta principal observam-se duas pedras com inscrições, pertencentes aos túmulos de Alexandre Caetano de Aragão e de João Taborda de Magalhães Costa Leitão Negreiros.

As naves, de quatro tramos, separados por arcos plenos sustentados por pilares toscanos, apresentam paredes percorridas por silhar de azulejos em ponta de diamante idêntico aos que

se encontram na Capela--mor (colocados em 1957). O baptistério surge perto da entrada, à direita.

O Púlpito quadrangular em talha policroma rococó, assente em coluna, tendo guarda de talha decorada com motivos fitomórficos, encontra-se adossado a um pilar do lado do Evangelho.

Os retábulos colaterais dedicados ao Sagrado Coração de Jesus e a Cristo Crucificado são em talha policroma, apresentando planta recta com nicho ladeado por pilastras e colunas que se prolongam em duas arquivoltas unidas no sentido do raio, com um anjo a fazer a união central. Na base estes retábulos apresentam sacrário com cálice, hóstia e altar paralelepipédico decorado com folhas de acanto.

Um arco triunfal de volta perfeita antecede a Capela-mor, rasgada por portas simétricas que dão acesso às sacristias. Esta Capela-mor apresenta magnífica cobertura com 36 caixotões pintados com atributos Marianos e do Velho Testamento, envoltos em "ferronerie" e folhas estilizadas.

O retábulo-mor, em talha dourada de estilo nacional, apresenta planta recta com três eixos divididos por colunas torsas decoradas com pâmpanos. O eixo central é composto por tribuna com cobertura em caixotões,

contendo trono de quatro degraus e a escultura de Nossa Senhora da Conceição. As colunas centrais prolongam-se no ático em arquivolta decorada com grande profusão de acantos. Sob o trono uma convexidade compõe o sacrário cuja porta surge entre colunas torsas de menores dimensões. Lateralmente, duas mísulas ostentam imagens. Adossado àquele encontra-se o altar paralelepipédico em talha dourada com duas colunas torsas laterais. No centro da capela-mor encontra-se ara de altar em cantaria.

A Sacristia da Irmandade do Santíssimo apresenta cobertura em caixotões com representação dos Apóstolos cuja execução data de 1801.

A Sacristia das Almas apresenta tecto em madeira pintada com símbolos da Paixão de Cristo executado em 1958.

Capela de Santo António

Perto da Igreja Matriz observa-se a Capela de Santo António, cuja beleza arquitectónica não deixa ninguém indiferente.

Esta capela maneirista e barroca terá sido construída no Século XVII, tendo sofrido remodelações no século XVIII, mais precisamente em 1767.

Apresenta planta longitudinal simples de espaço único e alpendre fechado com muro sustentado por oito pilares com ângulos chanfrados, elevado relativamente à via pública. O portal axial é

em arco de volta perfeita, ladeado à esquerda por uma pequena janela emoldurada e encimada pela seguinte inscrição: "1767 COSTA".

No exterior observa-se o púlpito, adossado ao pilar

da esquerda. Este é quadrangular, está apoiado numa coluna toscana e apresenta guarda decorada com losangos. Adossado à fachada lateral direita, disposto em ângulo, observa-se um passo de Via-Sacra seiscentista ou setecentista, formado por nicho rectilíneo, flanqueado por pilastras e encimado por friso e cornija onde se apoiam cruz latina e pináculos piramidais. A decoração alude à Paixão de Cristo e o Painel de Azulejos que se encontra no interior do nicho representa o 12º Passo da Via-Sacra, ou seja a Crucificação.

No interior da capela de Santo António, as paredes são rebocadas e apresentam silhar com azulejos padrão polícromo, azul e amarelo colocados recentemente. No lado da Epístola observa-se um pequeno nicho para alfaias, com moldura em cantaria.

Na parede testeira o retábulo em talha dourada e polícroma (muito adulterado) evidencia execução barroca pelo remate em volutas e querubim, bem como pela decoração em "ferronerie" dos fustes das pilastras. No nicho central, de perfil abatido, encontra-se a imagem do orago ladeada por duas mísulas encimadas por elementos concheados. O altar tem forma de urna.

Junto desta Capela, à esquerda, pode observar-se parte da muralha defensiva do suposto castelo de Caria que hoje integra os terrenos pertencentes à Casa da Torre.

Casa da Torre

No actual Largo Engenheiro Pinto Bastos, situa-se um imponente edifício que foi residência episcopal dos Bispos da Guarda.

Trata-se de um edifício que evolui em três pisos e três panos, com cunhais em alhetas, sendo o pano central correspondente a uma torre medieval que possivelmente pertenceu ao Castelo de Caria.

O pano central, em cantaria aparente, apresenta na fachada posterior uma porta em arco quebrado que dá acesso a uma espécie de pátio onde se podem observar uma cisterna, um tanque, um lagar e alguns vestígios da fortaleza.

Na fachada principal o acesso à porta é feito por intermédio de um lanço de escadas. As janelas de

guilhotina rasgam-se equidistantes e o remate é em empena de granito.

Conforme a inscrição gravada em letra uncial junto à supramencionada porta em arco quebrado a adaptação da torre para residência dos Bispos da Guarda data do Século XIV, ou seja, do bispado de D. Martinho (1319-1322) que foi médico de D. Dinis, segundo essa mesma inscrição terá sido delineada por Frei Martinho de Alcobaça e executada pelo Mestre Afonso Peres.

D. Guterres (1322-1326), doutor de Paris e auditor da Rota Romana, fixou aqui residência em 1323 acabando por falecer em 1325.

A inscrição que se observa na verga da porta principal, virada para o largo, testemunha as obras de renovação que sofreu em 1792.

Segundo alguns autores, aqui poderia ter existido um *mansio ou villa* romana, que beneficiaria do cruzamento das vias romanas Mérida-Idanha-Braga e Covilhã-Vale do Lobo.

A existência desta residência episcopal em Caria tem que se compreender à luz da época.

Após a invasão dos visigodos e dos mouros as dioceses ficaram desprovidas de bispos e à medida que a Reconquista Cristã alargava as fronteiras estas foram sendo restauradas numa tentativa de reorganização eclesiástica.

A Diocese da Egitânia foi restaurada em 1199, com sede na Guarda. Esta diocese teve que recuperar o território que geria antes das Invasões e acabou por ter que se debater com os Bispos de Coimbra, cuja diocese já tinha sido restaurada em 1080. Naquela altura, os Bispos de Coimbra já tinham muita importância nesta região e quando foi restaurada a diocese da Egitânia as contendas a propósito das jurisdições foram inevitáveis, estendendo-se por longos períodos de tempo.

Caria acabou por ficar sempre ligada ao bispado

da Guarda desde o herdamento de Martim Caria e acabou por adquirir cada vez mais importância. Só assim se explica que em 1278 D. Frei João Martins tenha conseguido regalias de tipo concelho para Caria e que D. Vasco Martins de Alvelos tenha feito em 1311 testamento na sua câmara de Caria da Covilhã.

Em suma, quando os Bispos da Guarda fixaram uma residência em Caria pretendiam impor o seu poder na região, onde o poder dos bispos de Coimbra, outrora detentores do senhorio de Belmonte, ainda se fazia sentir, sobretudo, devido a possessões laicas.

Deste largo siga para a Rua Direita. Um pouco mais à frente poderá observar a Casa das Caras.

A Casa das Caras

que apresenta três pedras esculpidas salientes, tipo cachorros. Uma delas representa uma cabeça de serpente e outra assemelha-se a um homem saindo do ventre da mãe. A população conta que foi nesta casa que nasceu Caria.

Actualmente encontra-se bastante adulterada mas ainda são visíveis as esculturas que se encontram integradas na construção.

Esta casa terá pertencido aos Viscondes de Tinalhas.

As esculturas poderão ter pertencido a outro edifício tendo sido readaptadas e reutilizadas para a construção deste edifício. É provável que

esta tenha sido a primeira casa dos Bispos da Guarda, contudo nada até à data confirma esta hipótese.

A mesma suposição se coloca também em relação à chamada Casa da Câmara.

Casa da Câmara

A seguir à Casa das Caras, descobre-se um pequeno edifício, com um piso, que apresenta duas janelas, uma manuelina e outra gótica, a que tradicionalmente chamam Casa da Câmara.

Convém recordar que Caria teve, desde cedo, regalias idênticas às de um concelho e que esta zona da vila correspondia à zona antiga de Caria, onde existia mais comércio e perto da qual se situaria a judiaria.

A ideia de ter janelas ornamentadas poderá relacionar-se com o facto de as janelas serem utilizadas para apresentação pública dos novos eleitos ou de serem locais de maior evidência em cerimónias oficiais.

Segundo as Inquirições Paroquiais de Caria (1758) esta vila regia o seu concelho com dois Juízes Ordinários, um Procurador, um Escrivão e três homens a que chamam Regedores, com seu Porteiro. Teria Casa de Câmara, com respectivo sino para convocar o Povo aos actos de Concelhia e para as audiências.

Do lado oposto da Rua observe um dos palacetes de Caria.

Palacete dos Viscondes de Tinalhas

O Palacete dos Viscondes de Tinalhas é um edifício barroco assimétrico que apresenta já algumas adulterações.

Este edifício de dois pisos apresenta fachada principal, dividida à direita por uma pilastra. Tendo, o piso inferior, três portas e algumas janelas

olho-de-boi e o piso superior, seis janelas com moldura recta encimadas por friso saliente. Destaca-se da fachada a porta de lintel recto encimada por frontão interrompido cujas volutas emolduram um pedestal que ostenta uma pinha. Este frontão, por sua vez, é encimado por um óculo circular.

Os proprietários deste imóvel foram os Viscondes de Tinalhas. Tinalhas é uma pequena povoação perto de S. Vicente da Beira, pertencente ao Distrito de Castelo Branco. Este título de Visconde foi criado por D. Luís, Rei de Portugal, através do Decreto de 10 de Outubro de 1870.

Os Viscondes de Tinalhas

1º Visconde:

- José Coutinho Barriga da Silveira Castro e Câmara, natural da Soalheira, Fundão, nasceu em 19 de Julho de 1802 e faleceu em 3 de Julho de 1886. Foi fidalgo da Casa Real, Senhor dos Morgados dos Olhos de Água e Alviela. Era descendente, por parte do pai de Lopo Barriga, um cavaleiro do século XVI, natural da Sertã que se notabilizou pelas suas proezas em Marrocos. Em 1843 casou com D. Guilhermina Ribeiro Leitão.

2º Visconde:

- Tomás de Aquino Coutinho Barriga da Silveira Castro e Câmara, nasceu em 10 de Janeiro de 1848 e faleceu em 4 de Janeiro de 1916. Foi Moço-Fidalgo com exercício, Par do Reino, deputado da nação e grande proprietário no concelho de Castelo Branco. Na política começou como vereador e depois como presidente da Câmara Municipal de São Vicente da Beira. Seguiu o seu amigo João Franco ingressando no partido regenerador-liberal. Exerceu as funções de

Procurador-Geral do Distrito de Castelo Branco. Em 1868 casou com a sua prima Maria José de Meireles Guedes Cabral.

3º Visconde:

- José de Meireles Coutinho Barriga da Silveira Castro e Câmara, nasceu em 9 de Agosto de 1880 e faleceu em 26 de Outubro de 1973. Foi um grande proprietário em Tinalhas e nos concelhos de Ferreira do Zêzere, Fundão e Idanha-a-Nova. Dedicou-se aos progressos na lavoura. Foi vereador da Câmara Municipal de Castelo Branco e vogal da Junta Geral do Distrito.

As Armas destes viscondes são: Escudo esquartejado 1) Barrigas, 2) Castros de seis arruelas, 3) Coutinhos, 4) Silveiras, de prata com três faixas de vermelho e uma orla com dois ramos de silva verde.

Estes Viscondes estiveram ligados à família Meireles do lugar do Carregal na zona de Dornelas.

Em Caria, para além desta casa, os viscondes foram também proprietários da Casa das Caras e do Casão bem como da respectiva Capela de Santa Constança que lhe está adossada.

Continue agora em direcção à Rua Comendador Vicente Martins Ribeiro até chegar ao Largo da Casa do Povo onde encontrará um Cruzeiro.

Cruzeiro

Neste pequeno largo, junto ao edifício que foi a Casa do Povo, onde hoje funciona a Banda Filarmónica e a extensão do Centro de Saúde existe um cruzeiro revivalista.

Esse cruzeiro assenta sobre plataforma circular composta por três degraus com plinto cúbico, tendo, na face frontal uma reentrância onde existiria uma caixa de esmolas e onde se pode observar a inscrição "ESMOLAS P.A AS ALMAS". Sobre esse plinto surge uma coluna toscana, cuja zona superior e o capitel apresenta perfil quadrangular, que

sustenta a cruz latina de hastes simples.

É neste Cruzeiro que se encontram as procissões (de certa forma pagãs) de S. Martinho e Santa Bebiana no dia 2 de Dezembro.

Das Inguias vem o andor de S. Martinho que se encontra no largo com o andor de Santa Bebiana. Estes andores improvisados transportavam santos feitos de palha ou de outro material, acompanhados com cabaças de vinho ou garrafões. Neste local são recitadas as ladainhas, cópias adaptadas do Credo, da Avé-Maria e do Pai-Nosso com letras dedicadas ao vinho e ao álcool.

O cerimonial inclui as indumentárias e as personagens de uma procissão - estandartes, pálio e "padre". A folia alarga-se pela madrugada. Bebem-se barris de vinho e centenas de litros de cerveja, acompanhados por sardinhas e carne assada.

Outrora os mordomos desta festa eram nomeados no ano anterior e na véspera da festa iam de porta em porta tocando chocalhos para avisar a aproximação da festança. Apesar da Santa Bebiana ter sido uma mártir cristã e de o São Martinho ter sido um santo cristão sobejamente conhecido, estas festas em sua honra têm um carácter pagão.

São, contudo, testemunhos etnográficos, que fazem lembrar as festas báquicas ou dionísias e os festejos em honra dos deuses clássicos do vinho - Baco ou Dionísio.

Na localidade de Tinalhas, existem também festejos semelhantes em honra da Santa Bebiana.

Na Antiga Casa do Povo, um edifício representante da estrutura cooperativa do Estado Novo construído com o dinheiro do minério, exibiam-se, outrora, filmes e peças de teatro das diversas companhias que corriam o país.

Neste local terá existido uma Capela dedicada ao Espírito Santo e uma escola da qual hoje já não parece ter restado nada, a não ser um pequeno sino.

A verdadeira identidade de Santa Bebiana

Virgem romana que viveu em Roma no século IV, e que foi vítima do imperador Juliano Apóstata que procurou aniquilar o Cristianismo depois de ele se ter tornado a religião oficial, substituindo-o por uma espécie de paganismo rejuvenescido. Este imperador romano acabou por torturar e mandar matar muitos dos que professavam a religião de Cristo.

Foi neste contexto que, o pai de Bebiana, Flaviano, antigo perfeito de Roma, foi marcado na testa por um ferrete de escravo e mandado para as Águas Taurinas, na Toscana, onde acabou por morrer fruto das privações de que foi vítima enquanto a mãe, Dafrosa, foi decapitada.

Órfã, Bebiana, a jovem cristã acabou por ser entregue a uma alcoviteira a quem incumbiram de a corromper. Como esta não conseguiu acabou por ser amarrada a uma coluna e azorregada até à morte.

Assim os seus atributos são uma coluna e as vergastas da sua flagelação.

É padroeira dos bêbados e dos epilépticos.

O Credo dos Ébrios

"Creio no álcool a 36 graus, todo-poderoso e criador de formidáveis carraspanas. Creio na aguardente sua filha, e minha esposa predilecta a qual foi concebida por obra e graça do alambique, nasceu da puríssima cana e padeceu sob pisão dos moinhos. Foi derramada e sepultada num casco, ao terceiro dia, surgiu da garrafa e subiu graciosa e triunfante à caixa dos pirolitos. Escoou o fundo da caldeira e está no tonel bem rolhada, estando à mão direita das barbas do bagaço, de onde há-de vir alegrar uma grande pândega sem fim; dar vistas aos grandes e pequenos, ricos e pobres, doutores e burgueses, santos e diabos. Portanto creio na repetição da pinga, na santa vindima anual, na comunicação dos irmãos do esgota, na renovação das pipas vazias, na bebedeira eterna. Ámen!"

O Pai-Nosso do Vinho

"Santa uva que estais na parreira, purificada sejais sem enxofre e sem sulfato. Venha a nós o vosso líquido para ser bebido à nossa vontade tanto na taverna como na nossa casa, livrai-nos de quebrar a cabeça. Ámen!"

Deste local desça até à Rua Principal virando à esquerda, em direcção ao Largo dos Condes de Caria.

Antes, porém, de lá chegar encontrará uma capela cuja história poderá conhecer mais à frente.

Já no dito largo poderá observar um busto escultórico do primeiro Conde de Caria e o Palacete dos Condes.

Palacete dos Condes de Caria

O Palacete dos Condes de Caria é um edifício de propriedade privada de estilo neoclássico, datável dos finais do século XIX inícios do século XX, cujo friso superior do frontespício se eleva de forma curvilínea com o objectivo de o enobrecer realçando assim as armas dos condes que encimam a porta principal.

A Capela, dedicada a Nossa Senhora da Conceição encontra-se integrada na fachada da direita. No interior apresenta retábulo, do século XIX, marcado por marmoreados, tendo duas colunas em cada extremidade, ladeando o nicho central onde figura a representação pictórica de Nossa Senhora da Conceição. O coroamento do retábulo apresenta resplendor dourado, sendo marcado por frontões curvos com concheados. A banqueta é decorada com elementos vegetalistas.

Os títulos de Barão,

Visconde e Conde de Caria foram dados por D. Luís I a José Homem Machado de Figueiredo Leitão, em 1864, 1869 e 1879 respectivamente.

1 º Conde, Visconde e Barão:

- José Homem Machado de Figueiredo Leitão nasceu em Gouveia no ano de 1832. Foi bacharel em leis e um grande proprietário

agrícola na Beira Alta. Dedicou-se, igualmente à indústria, criando uma fábrica de lanifícios em Gouveia que ele próprio administrava. Faleceu em 1905.

2º Conde de Caria:

- Bernardo de Abreu Castelo Branco Homem Machado de Figueiredo Leitão, filho segundo do primeiro Conde, fidalgo da casa real, bacharel em direito pela Universidade de Coimbra, vice-governador do Banco Nacional Ultramarino, nasceu em Gouveia no ano de 1865.

Do seu casamento com D. Eugénia da Silveira Viena nasceram D. Maria Emília Viena Mendes Machado de Almeida e D. Maria Conceição de Abreu Castelo Branco Homem Machado.

3º Conde de Caria:

- Bernardo Homem Machado Mendes de Almeida, filho varão da filha primogénita do 2º Conde de Caria, nascido em 1912. Estudou na Suíça, no Liceu Pedro Nunes e na Faculdade de Direito em Lisboa. Em 1934, após o falecimento do seu pai, passou a representar a família na Gerência de C. Santos Lda. e em 1936 seria administrador da Empresa Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas. Esteve ligado a Companhias de Seguros e de Papel, a associações de comércio, de automóveis e transportes. Do ponto de vista desportivo destacou-se na Vela.

A importância desta família foi sentida na vila, não só pela preponderância fundiária que estes tiveram aqui como pelas acções desenvolvidas na localidade. D. Maria Emília Viena Mendes Machado d'Almeida, segunda filha do 2º Conde de Caria, casada com o comandante Boaventura Mendes de Almeida é recordada por muitos pela sua alma caridosa e benfeitora.

As histórias populares são variadas mas salienta-se aquela segundo a qual o comboio só partia da, outrora famosa, Estação de Caria depois de o Conde lá chegar.

Volte agora atrás até à Capela que viu na Rua principal.

Casão e a Capela de Santa Constança

A Capela de Santa Constança, pertencente ao chamado casão, terá sido construída no século XVII ou inícios do século XVIII pois era já referenciada nas Inquirições Paroquiais de 1758.

Apresenta frontispício delimitado por pilastras, com frontão triangular cujo tímpano acolhe cartela encimada por elemento concheado. Apresenta pináculos gomeados e cruz no vértice. A entrada é enobrecida por lintel decorado com gotais e motivos vegetalistas, frontão curvo interrompido que parece emoldurar um pseudo plinto decorado com um laço e encimado por elemento concheado. A sineira, em volta perfeita, ostenta a data de 1740 e encontra-se sobre o telhado da casa, à direita da capela. O embasamento rusticado apresenta escadaria que parece ter sofrido alterações posteriores.

No interior, esta capela apresenta cúpula com frescos do século XVII marcados por decoração vegetalista, concheada e florais delimitadas por representação de balaustrada. As paredes estão repletas de representações escultóricas de santos, devidamente identificados através de legendas.

O retábulo, que terá sido executado no século XVIII ou inícios do século XIX, é policromado, apresentando nicho central ladeado pilastras

adossadas e encimado por representação de pavilhão vermelho no qual surgem dois *puttis* ostentando cartela com o nome do orago desta capela. O retábulo é ainda enobrecido por cinco esculturas de porte considerável e coroamento composto por profusão de volutas.

Esta capela encontra-se adossada a um edifício a que tradicionalmente se chama Casão cuja data de construção parece remontar ao século XVII ou XVIII, muito embora tenha sofrido alterações ao longo dos tempos. Este edifício apresenta paredes rebocadas e pintadas de branco com janelas com moldura de granito recortada.

A fachada do Casão que se encontra voltada para o Largo do Poço apresenta, no piso inferior uma pequena porta, no piso intermédio dois pequenos varandins e no piso superior duas janelas. Adossada à esquerda encontra-se uma escadaria que acede a um primeiro andar onde se encontra um alpendre fechado, com janelas. Por cima deste alpendre encontra-se uma varanda coberta com guarda de ferro trabalhado. No telhado destacam-se várias mansardas.

Este edifício, de propriedade privada, que ocupa todo o espaço entre as duas ruas que dão acesso ao largo, terá pertencido também aos Viscondes de Tinalhas.

Do Largo do Poço siga em direcção à Rua da Igreja. No caminho descubra o mais maravilhoso dos palacetes de Caria O Palacete dos Quevedo Pessanha.

Palacete dos Quevedo Pessanha

O Palacete dos Quevedo Pessanha é um magnífico edifício oitocentista, barroco com planta em L de dois pisos, capela adossada perpendicularmente e casa dos caseiros.

As fachadas deste palacete são ritmadas por ordem de pilastras toscanas e as janelas apresentam, na sua maioria, arco abatido e frontão curvo interrompido por um pequeno plinto que sustenta concheado central. A fachada principal apresenta portal descentrado com acesso por meio de escadaria com guardas de granito e pequeno patamar com bancos laterais. À frente existe uma espécie de pátio com jardim.

No cunhal da fachada principal com a lateral, que acompanha a rua, destaca-se uma enorme pedra de armas em cartela profusamente decorada com volutas vegelatistas e concheados. A encimar o brasão observa-se uma figura humana que ostenta uma bandeira e que a tradição identifica como sendo Duarte de Almeida, *o Decepado*, Herói da Batalha de Toro, portador do estandarte real, alferes-mor de D. Afonso V.

A Capela, cujo orago é Nossa Senhora do Carmo apresenta fachada principal voltada para o dito pátio/jardim rasgada por portal em arco abatido com moldura, encimado por frontão curvo interrompido por cartela formada por acantos, com cruz ao centro, sobrepujada por coroa. Sobre este surge um óculo quadrilobado.

A fachada desta capela apresenta ainda empena com duplo friso, superior convexo e cornija encimada por cruz latina sobre plinto volutado no vértice, sendo flanqueada por cunhais apilastrados, firmados por pináculos gomeados, assentes em altos plintos. A sineira, que se encontra sobre o pano de muro (adossado à

Sineira da capela) apresenta a data de 1752. É composta por arco de volta perfeita e assenta em impostas salientes apresentando remate em cornija encurvada e cruz latina. Junto ao portal que se rasga nesse pano de muro que separa o jardim das terras de cultivo encontra-se um cadeiral de granito com azulejos de padrão do século XVIII.

No interior da Capela, o altar é formado por arco de volta perfeita com fecho e pilastras ressaltadas completamente preenchido por estrutura pictórica, elemento que parece servir de cenário para a representação escultórica da Nossa Senhora do Carmo. De realçar ainda a banqueta decorada com graciosos ornatos rococó.

Sabe-se que os Quevedo Pessanha eram uma família de ilustres fidalgos que tinham propriedades nas Beiras. É bastante provável que estejam relacionados com os Viscondes da Quinta do Ferro, em Rio de Mel, perto de Trancoso. E com os Senhores da Quinta dos Buxeiros em Figueiró de São Cipriano (Viseu).

Uma das sepulturas que se encontra à entrada da Igreja Matriz de Caria é de um descendente (Alexandre Caetano) de quem mandou edificar este palacete, cujo nome ainda falta averiguar.

Daqui suba em direcção à Igreja Matriz, ao ponto de partida desta visita a Caria.

Depois dirija-se para o Largo Engenheiro Pinto Bastos, antigo proprietário da Casa da Torre e desça a Rua do Reduto e a Rua da Roda em direcção à Escola Primária e ao Jardim situados num largo que dá acesso à Rua Cor. José Martins Cameira.

No caminho, ao fundo da Rua do Reduto, terá oportunidade de ver a chamada Casa da Roda.

Casa da Roda

Segundo a inscrição que se conserva na janela, a Casa da Roda data de 1874. Terá sido criada por Pina Manique, no reinado de D. Maria I.

Esta casa era destinada a recolher os enjeitados ou filhos ilegítimos. As crianças ainda bebés eram depositadas pela calada da noite, na parte anterior da roda (cilindro giratório, aberto de um lado, que se situaria onde agora é uma janela) e após o toque de uma sineta eram recolhidas no interior por uma pessoa. Estas crianças abandonadas eram depois amamentadas por amas que eram pagas para essa função. Este sistema, que anteriormente funcionava nos conventos, evitava o infanticídio mantendo o sigilo sobre a identidade de quem entregava as crianças, já que a roda não permitia o contacto directo entre quem colocava a criança e quem depois a recebia.

Por vezes as crianças eram entregues com sinais, cartas, objectos ou quantias de dinheiro. Esses indícios permitiam a recuperação ou identificação posterior da criança, o que quase nunca acontecia.

Com estas casas pretendia-se também evitar o comércio de enjeitados feitos em larga escala pelos espanhóis na zona da raia.

No interior desta Casa da Roda existiriam, até há pouco tempo, dois berços de pedra, um pintado de azul e outro de cor-de-rosa.

Na sessão da Câmara do dia 17 de Agosto de 1873, a junta pede à câmara

autorização para vender este imóvel em hasta pública. O que acaba por acontecer.

Em 1984, foi parcialmente destruído por um incêndio provocado por uma fuga de gás.

Actualmente este pequeno edifício é de propriedade privada, contudo, não deixa de ser um marco que convida à reflexão sobre a sua funcionalidade, as motivações subjacentes e as consequências decorrentes de todo o processo que a envolvia. Se puder pare e imagine o choro das crianças ou o som da sineta que assinalava a sua chegada, ou seja o seu abandono.

Trata-se de um dos poucos edifícios que funcionou como roda que se conhecem na região.

Das crianças que foram abandonadas pouco se sabe actualmente, apenas existe uma relação das almas dos expostos da vila de Caria nos documentos manuscritos recolhidos pelo actual prior de Caria e algumas referências nos documentos do Arquivo Municipal de Belmonte.

No largo junto à Rua Cor. José Martins Cameira poderá optar por virar à direita e ir visitar o Monte do Bispo ou virar à esquerda e seguir em direcção ao Carvalhal Formoso ou às Inguias.

Ainda em Caria poderá encontrar mais algumas Capelas e Fontes.

Capela de Santana

Situa-se na Rua Conselheiro Dr. Francisco Pires Soares do lado oposto à Farmácia.

Trata-se de uma Capela barroca de planta longitudinal simples com fachada principal em empena com cruz latina ao centro, rasgada por uma porta em arco abatido, com cunhais simples firmados por pináculos piramidais. No século passado terá sido recuada e truncada para a construção da estrada.

Capela de São Marcos

Esta capela data de 1580 e situa-se num local

ermo junto à estrada nova (variante norte) de Caria, pela qual se acede através de um caminho de terra batida.

Capela de Santo Antão

Fica junto ao campo de futebol de Caria. Foi construída em 1925, tendo sido alvo de intervenções ao longo dos tempos. Trata-se de um exemplar de arquitectura religiosa vernácula do qual se destaca o retábulo-mor de talha dourada em estilo nacional.

Fonte de São Sebastião

Localiza-se à entrada da vila, junto à Ponte com o mesmo nome. Trata-se de uma fonte barroca de espaldar flanqueado por pilastras toscanas firmadas por pináculos piramidais, com remate em friso e cornija, ostentando nicho concheado com data correspondente a possível remodelação. Tem bica circular simples que verte para tanque rectangular com bordos também simples. Surge referida nas Memórias Paroquiais de 1758 como estando localizada perto de uma Capela de São Sebastião.

Fonte do Ruivo

Situa-se junto a um caminho cujo acesso se faz pela Rua da Fonte do Ruivo, a partir da Escola primária, à entrada da Vila.
Trata-se de uma fonte de mergulho, vernácula, datada do século XVIII, com acesso à mãe de água por dois vãos rectilíneos dintelados abertos no muro de sustentação do caminho. Um pilar de cantaria, composto por fuste octogonal com nove

tambores encimado por capitel com o mesmo perfil e remate em pináculo piramidal, também octogonal, construído no século XX, marca o local da fonte. No tambor superior do fuste ostenta cartela com moldura encurvada com a inscrição "CM/1908".

Fonte do Prior

Esta Fonte situa-se na rua com o mesmo nome. Trata-se de uma pequena fonte cujo espaldar é composto por uma pedra com três cruzes, que se encontra integrada numa parede de um edifício e que lembra uma cabeceira de sepultura medieval ou um centro de alminhas pelo que poderá tratar-se de uma adaptação posterior.

Fonte do Carvalho

Fonte de mergulho situada na Rua da Fonte do Carvalho, perpendicular à rua principal junto à paragem dos autocarros, no centro da vila.

Trata-se de uma fonte de construção quinhentista ou seiscentista, alterada no período barroco. A fachada principal apresenta empena rematada por cornija, com vestígios de ter possuído pináculos. Sobre a empena truncada, apresenta plinto que ostentava uma antiga cruz. É rasgada por pequenos vãos em arco abatido, protegido por grades de ferro, tendo a marcação de um arco em volta perfeita bastante amplo. A data que ostenta na aduela (1784) corresponde a uma reestruturação e à colocação do escudo e coroa reais. A data de 1907 corresponde, por sua vez, ao entaipamento do vão de acesso ao interior cuja cobertura em abóbada de berço assenta em pequeno friso que percorre todo o espaço.

É referida nas Memórias Paroquiais, como sendo de pedra e abobadada, com colunas no pórtico e tendo água mais saudável da povoação.

Fonte de Santana

Situa-se perto da ponte

com o mesmo nome, à saída de Caria.

Trata-se de uma fonte maneirista com espaldar simples, circunscrito por pilastras toscanas, encimadas por pináculos e remates em friso e cornija, com bica simples a jorrar para tanque rectangular, que verte para pio no lado esquerdo. Surge igualmente referenciada nas Memórias Paroquiais de 1758. A data que ostenta no espaldar (1768) assinala alterações sofridas. Outrora apresentava, por cima do espaldar um relógio de sol que foi roubado em 1995.

Pontão da Laje do Freixo

Trata-se de uma pequena ponte que atravessa a ribeira de Santana cujo pavimento

e o acesso lembra as calçadas romanas. Pode visitá-lo de carro ou de bicicleta, seguindo o caminho que dá acesso à Fonte do Carvalho. Existem placas indicativas nas principais ruas da Vila.

Se optou por ir até ao Monte do Bispo atravesse a Ponte de Santana.

Monte do Bispo

Esta localidade aparece também referenciada nas Inquirições Paroquiais de 1758. Nessa altura era designada Quinta do Monte do Bispo, toponímia que se relaciona como facto de um dos Bispos da Guarda passar aqui alguns dos seus momentos de lazer.

No Monte do Bispo poderá encontrar ainda a rusticidade do campo e de uma pequena localidade onde a maioria das pessoas são idosas, mas acolhedoras.

Ao entrar na localidade dirija-se para a Capela. Para isso, basta que saia da estrada, cortando à direita, junto à fonte que apresentamos na fotografia.

Capela de Santa Luzia

A Capela de Santa Luzia situada num largo data do século XVI, altura em que terá sido fundada por um Bispo da Guarda.

No exterior, o frontespício desta capela apresenta, sineira de granito, ostentando a data de 1851 (fachada principal, à direita)e porta, em arco de volta perfeita, encimado por uma janela rectangular.

Na esquina direita descobre-se um relógio de sol integrado na fachada.

Na fachada lateral

direita a porta é encimada pela seguinte inscrição: "F.F. 1851". A sacristia e a torre sineira encontram-se adossadas à esquerda.

No interior, a parede testeira da capela-mor apresenta, ao centro a representação de Cristo Crucificado, ladeado por mísulas de madeira com decorações vegetalistas relevadas, que ostentam as esculturas de Nossa Senhora da Conceição (direita) e Santa Luzia (esquerda). Nas paredes laterais, mísulas idênticas, ostentam Nossa Senhora de Fátima (direita) e Sagrado Coração de Jesus (esquerda). Do lado esquerdo, um nicho em arco de volta perfeita, encerra a escultura de S. José e o Menino.

A capela-mor é antecedida por um arco de volta perfeita cujo granito se conserva à vista.

Na nave observam-se ainda duas mísulas que ostentam outras duas pequenas esculturas. O coro-alto tem acesso pelo exterior.

Da Capela poderá aproveitar para vaguear um pouco pelas ruas desta localidade descobrindo uma ou outra casa de arquitectura popular tradicional. A sugestão será que siga pela rua que contorna a Capela pela direita até encontrar outro pequeno largo. Aí vire à direita e mais à frente espreite por um caminho de terra batida que encontrará à esquerda e descobrirá uma magnífica fonte de granito, quase esquecida, pelo tempo num olival.

No espaldar apresenta a seguinte inscrição: "R.P. 1911".

Volte novamente ao pequeno largo e siga pela rua da direita. Um pouco mais à frente encontrará uma casa de granito com uma epígrafe.

Esta casa destaca-se pela sua arquitectura mais cuidada. Apresenta portas e janelas de arco abatido e ostenta uma pedra epigrafada, (na zona superior central) que, pela sua localização, é difícil perceber o que relata. Esta epígrafe apresenta moldura com motivos vegetalistas. Ao que se sabe esta casa pertenceu a gente com algumas "posses e terras".

Um pouco mais acima, à esquerda, encontrará uma pequena rua onde descobrirá uma alminha integrada numa das fachadas de uma casa. Esta apresenta nicho de volta perfeita onde se observa uma

representação do Arcanjo Miguel lutando contra o demónio e uma alma suplicante no meio das chamas. Este Arcanjo justiceiro apresenta na mão esquerda uma balança (para pesar o bem e o mal).

Na moldura, em baixo apresenta inscrições, com iniciais e uma a data. É encimada por cruz latina relevada. Estes marcos religiosos marcavam efemérides, mortes trágicas, ou simplesmente apelam à oração pelos que já tinham falecido.

Depois de ter visitado o Monte do Bispo poderá regressar a Caria seguindo em direcção às Inguias. Antes de lá chegar poderá dar uma espreitadela ao Carvalhal Formoso.

Carvalhal Formoso

Esta pequena localidade aparece referenciada em documentação medieval e já em 1248 o bispo de Coimbra aqui comprava propriedades a Pedro André.

Em 1758, nas Inquirições Paroquiais o Carvalhal Formoso aparece mencionado com 22 vizinhos.

Aqui poderá encontrar a Capela de S. José, a Fonte de São João Degolado ou um Avião.

Quando entrar na localidade siga as placas que indicam Capela de São José.

Capela de S. José

Esta capela, situada num largo da capela junto à Rua Direita e à Rua do Canto, apresenta planta longitudinal simples, e sacristia adossada ao lado esquerdo.

Trata-se de uma Capela de arquitectura vernácula cuja data de construção remonta ao século XVII.

A fachada principal em empena coroada por cruz latina, sobre plinto volutado embutido no vértice, apresenta, do lado esquerdo, pequena cornija com sineira de volta perfeita, assente em impostas salientes e coroada por um magnífico catavento; no lado direito, sobre o cunhal observa-se pináculo piramidal. No eixo central, esta fachada é rasgada por porta de verga recta e moldura simples, encimada por óculo circular e janela rectangular com moldura. À esquerda, surge púlpito

sem guarda e com três degraus. A fachada lateral esquerda é marcada por escadaria de acesso ao coro alto, formando patamar protegido por guarda vazada em ferro forjado. No interior destaca-se cobertura em falsa abóbada de berço abatida, de madeira pintada de azul, com representação de uma cruz envolta em sudário, assente em cornija com marmoreados fingidos, possuindo um tirante metálico. O altar-mor é paralelepípedo com frontal flanqueado por duas colunas galbadas e o terço inferior marcado por acantos, tendo, ao centro, medalhão com os símbolos do martírio de Cristo, ladeado por registo de acantos. O retábulo-mor de talha dourada e polícroma, em revivalismo tardo-barroco, apresenta eixo formado por nicho encurvado com moldura dourada, flanqueado por colunas de fuste liso marmoreadas, marcadas por capitéis coríntios, e por orelhas recortadas; remata em frontão interrompido, dando lugar a resplendor e glória de anjos, encimado por elemento concheado.

Deste largo da capela poderá seguir pela rua da esquerda em direcção à Igreja Matriz que se situa num plano mais elevado da vila.

Igreja Matriz

Do casario do Carvalhal Formoso destaca-se o edifício da igreja Matriz. Recentemente construída apresenta painel de azulejos com representação de S. José na fachada principal e torre sineira encimada por um belíssimo catavento parecido ao da Capela de São José. Daqui pode observar a paisagem circundante.

Para ir até à Fonte de S. João Degolado deverá regressar à rua principal e seguir em frente até observar uma placa informativa que indique "Fonte Santa".

Fonte de S. João Degolado

A designada Fonte Santa está intimamente ligada com a Festa de São João Degolado, celebrada em finais de Agosto (29) que é composta pela festa religiosa dedicada ao Santo e pelo Banho Santo.

Outrora na madrugada do Dia do Santo, os populares dirigiam-se para a Fonte e faziam um tapume de lençóis onde se despiam os que iam ao Banho Santo. De seguida uma criança tirava água da fonte e dava-a ao banhista/crente para que este se banhasse. Acreditava-se que esta água medicinal e sulfurosa livrava de doenças de pele e de maleitas diversas.

Ainda na rua principal poderá observar algumas habitações de granito de maiores ou menores dimensões.

Mais à frente, por exemplo, depois da Fonte Santa, do lado esquerdo, encontra uma outra habitação de granito que ostenta simbologia republicana na fachada lateral junto à empena.

Salienta-se também habitação contígua ao Café Paiva, onde se situa o talho. Esta, apresenta uma arquitectura mais cuidada com remates em triplo friso, encimados por pequena cornija e beiral, tendo ainda janelas e portas emolduradas. A sua fachada principal denuncia duas zonas de construção distintas concretamente no que diz respeito à ornamentação das portas e das janelas. Assim, enquanto a maioria das janelas e portas da esquerda da fachada são de moldura simples a porta com o número 78 é encimada por molduras salientes que apresentam a

data de 1892 e três letras capitais.

Perto deste edifício encontrará placas que lhe indicarão a direcção a seguir para ir até ao Centro Cultural, onde terá a surpresa de descobrir um meio de transporte pouco usual nestas paragens - um avião. Trata-se de um *Fiat G.19, R4*. O protótipo do Fiat G 19 que voou em 9 de Agosto de 1956, em Itália. Em Portugal foram usados 85 Fiat (versões R3 e R4) desde 1965 até 1993.

Volte agora à estrada que seguia antes de virar para esta localidade e visite as Inguias.

Inguias

Esta localidade aparece desde muito cedo nos documentos medievais referida ora por Anguias ora por Inguias. Já no século XIII D. Egas Fafe, bispo de Coimbra comprava terras na Aldeia das Anguias.

A sua paróquia medieval terá coexistido com a paróquia, igualmente medieval, de Olas. Esta última, contudo foi perdendo importância no decurso dos Séculos XIV e XV, facto que se poderá relacionar com as condições geográficas de ambas, já que o relevo das Inguias oferecia maior defesa que a planície das Olas.

Aqui poderá visitar a Igreja Matriz. Para isso deverá seguir as indicações existentes nas placas informativas.

Igreja Matriz

A Igreja Matriz das Inguias, cujo orago é S. Silvestre é um exemplar de arquitectura religiosa vernacular barroca e neoclássica cuja data de

construção remonta ao século XVII.

As fachadas são circunscritas por cunhais apilastradas, firmados por pináculos. A fachada principal com remate em empena e cruz florenciada sobre plinto no vértice, é rasgada no eixo por portal encimado por janela, ambos em arcos abatido e moldura recortada. A fachada posterior, da capela-mor, cuja empena remata igualmente com cruz florenciada, apresenta pedra com duas cartelas, uma delas com a data de 1836.

Igualmente, no exterior, junto à porta principal, observa-se uma pedra tumular de granito. Trata-se de uma campa que os populares referem como pertencendo a um Bispo.

No adro da Igreja, junto à porta da fachada lateral esquerda, observa-se guarda do púlpito com decoração eucarística e cristológica que actualmente serve de floreira. Deste lado, no meio do adro, descobre-se também uma outra lápide sepulcral com inscrição pouco visível.

A torre sineira encontra-se separada da Igreja Matriz e tem adossada uma capela funerária e um anexo. É uma torre de planta quadrada com dois registos, pilastras nos cunhais e embasamentos marcadas a granito. Esta torre apresenta também remate em cornija com pináculos nos ângulos e coroamento em domo campaniforme encimado por cruz sobre plinto, e no qual se encontra o relógio.

O cemitério situa-se em cota mais baixa, em frente à fachada principal da Igreja. Junto à sua porta observa-se a primitiva pia baptismal circular que actualmente serve de tanque. Em vários locais, do muro que delimita o adro podem observa-se capitéis e fragmentos de colunas.

Trata-se de um edifício religioso composto por nave e capela-mor ligeiramente mais estreita.

No interior, apresenta cobertura de madeira em masseira apainelada e

policromada cujos painéis ostentam composição de motivos florais, concheados e volutas, enquadrando representação da Santíssima Trindade. Apresenta junto ao arco triunfal pleno que marca a capela-mor, retábulos colaterais em ângulo de talha neoclássica.

A capela-mor apresenta falsa abóbada de berço abatido, com decoração apainelada semelhante à da nave, tendo no painel central representação de S. Silvestre.

O retábulo-mor de talha dourada em estilo nacional, proveniente do Convento de Nossa Senhora da Esperança, apresenta decorações em arabescos, parras, uvas, querubins, volutas, motivos zoomórficos e

florais. Na tribuna ostenta o orago - S. Silvestre e nos ninchos dos eixos laterais observam-se as imagens de Sagrado Coração de Jesus (Esquerda) e Nossa Senhora do Rosário (Direita).

Os retábulos colaterais, em ângulo, são de talha

neoclássica e ostentam Cristo Crucificado (à direita) e Nossa Senhora de Fátima (à esquerda).

Na nave, à direita, observam-se as imagens de Nossa Senhora da Estrela e de Nossa Senhora do Rosário e, à esquerda, as imagens de Santo António, S. José e Nossa Senhora de Lurdes.

Casa do Professor Republicano

Descendo pelas escadas da Igreja junto à Torre Sineira, (do outro lado da rua), observa-se uma casa de pedra, com varanda, que pertenceu ao ilustre professor - Luís Pires Soares. Este republicano ensinou gratuitamente na sua própria casa ainda no tempo da Monarquia.

Um pouco mais a baixo, do lado direito, num desnível, poderá descobrir uma fonte de chafurdo ou de mergulho.

A Fonte da Mina

Na Rua da Fonte poderá observar a chamada Fonte da Mina, uma antiga fonte de mergulho de planta rectangular, com fachada principal em vão de volta perfeita moldurado por duas aduelas, parcialmente entaipado e porta de verga recta. Datada do século XVII ou XVII, sofreu alterações posteriores.

Designa-se dessa forma porque teve origem numa mina forra de pedras (granito).

Depois da visita às Inguias volte à estrada de onde veio, ou seja, siga as indicações que o conduzem para os Trigais, Bendada e Maçaínhas. No cruzamento com essa estrada que dá acesso a essas localidades poderá seguir em frente por um curto caminho de terra em direcção à Capela de Nossa Senhora da Estrela.

Esta Capela, perdida no meio de campos de cultivo e paisagens bastante verdejantes, reserva-lhe algumas surpresas.

Capela de Nossa Senhora da Estrela

A Capela de Nossa Senhora da Estrela é de fundação medieval, e foi construída, provavelmente, sobre uma estrutura romana, numa zona que o povo aponta como tendo sido o local onde existiu uma cidade romana a que chamam Valongo.

Os testemunhos romanos são evidentes, já que nesta capela foi possível constatar como se terá dado a assimilação do cristianismo pelos que adoravam os deuses romanos. A pedra do altar-mor desta capela estava assente sobre uma ara romana dedicada a Júpiter (com a inscrição voltada para a parede) facto que só foi descoberto após o Concílio de Vaticano II aquando das alterações estruturais dos altares. Desde essa altura a inscrição passou a estar voltada para a Assembleia e ostenta a imagem de Nossa Senhora da Estrela. Existiria aqui outra ara romana mas essa foi levada para o antigo Museu Cova Juliana, da Covilhã.

Da época medieval resta o arco triunfal, que se observa no interior, e que seria o primitivo pórtico da Igreja, bem como as sepulturas antropomórficas escavadas nas rochas que se situam nos terrenos que circundam a vedação do recinto da Capela. Uma dessas sepulturas situa-se no meio do terreno de cultivo, do lado esquerdo, e as outras duas junto a uns carvalhos existentes perto da porta principal do recinto, do lado direito.

A lenda da Nossa Senhora da Estrela

Andava um Rei a caçar por estas terras, quando a noite sobreveio sem que antes pudesse acoitar-se. Perdido e acossado por um urso, pediu auxílio a Nossa Senhora. De repente apareceu-lhe uma estrela que lhe serviu de guia para se por a salvo. Agradecido com o que considerou ser um milagre, mandou fazer ali uma capela com invocação a Nossa Senhora da Estrela.

E as histórias....

Conta-se que D. Pedro andava por estas bandas quando lhe vieram anunciar a morte de D. Inês de Castro. Há quem diga que nesse momento estava acompanhado pelo seu médico e grande amigo, o cónego D. Gil Cabral, Deão da Sé da Guarda, a quem este rei, por mercês e amizade, terá doado grande quantidade de terras em Belmonte e em seu redor. Esta doação terá resultado do facto de este prelado ter assistido ao casamento "clandestino" de D. Pedro e D. Inês em Bragança (1 de Janeiro de 1354) segundo confirmaria mais tarde, quando já era Bispo.

Faça-se agora à estrada em direcção a Maçaínhas. O caminho é um pouco longo mas compensador, uma vez que terá oportunidade de ver paisagens magníficas.

Aqui e ali encontrará algumas casas e quintas rodeadas por campos de cultivo e prados rasgados por pequenos riachos nos quais pastam algumas ovelhas e cabras.

Esta zona do Concelho prima pelo seu bucolismo.

Maçaínhas

Esta freguesia tem uma história medieval paralela à de Belmonte pois desde o século XII que pertencia ao seu senhorio. Terá sido, igualmente, um dos lugares que foi disputado entre os Bispos da Guarda e de Coimbra.

As referências documentais a esta localidade são antigas. Entre 1233 e 1246, por exemplo, D. Tibúrcio, bispo de Coimbra dá carta de emprazamento ou aforamento do herdamento de Maçaínhas, termo de Belmonte, ao frade Fernando Álvares.

Nas Inquirições Paroquiais de 1758 é apresentada como uma freguesia com 109 vizinhos, 254 pessoas maiores e 77 menores, tendo juiz a que chamavam "espadano" e que era eleito pelos juízes ordinários da Vila de Belmonte a quem os habitantes estão sujeitos. Essas mesmas inquirições dão conta da existência de uma Igreja dedicada a Nossa Senhora da Conceição e de duas capelas ou ermidas uma dedicada a S. Sebastião e outra ao Espírito Santo ambas fora do lugar. O pároco desta freguesia seria, nessa altura, cura, sendo de apresentação do vigário de Santa Maria de Belmonte, uma Igreja que se situaria perto do cemitério junto ao Castelo de Belmonte.

No centro desta localidade encontrará a Igreja Matriz, um campanário e um eléctrico.

Igreja Matriz

A Igreja Matriz de Maçaínhas foi edificada no século XIX, e é dedicada a Nossa Senhora da Conceição. Apresenta planta longitudinal composta por nave e capela-mor mais estreita. A fachada principal é enquadrada por pilastras que se prolongam por plintos de face lisa sustentando pináculos e remate em empena com cruz no vértice. É rasgada no eixo por porta de verga

e moldura recta antecedida por pequena escadaria e encimado por friso saliente e janela rectangular de arcos abatidos.

A fachada lateral direita é rasgada por duas janelas idênticas e uma porta. Deste lado apresenta um pequeno espaço ajardinado.

No interior, a nave é percorrida por silhar de azulejos padrão e a capela-mor é antecedida por um arco de volta perfeita. As coberturas são de madeira em falsas abóbadas de berço. O retábulo-mor e o colateral direito são neogóticos e o colateral esquerdo faz lembrar a talha neoclássica. A nave é rasgada, à esquerda, por um arco de volta perfeita.

Campanário

Próximo da Igreja ergue-se um Campanário de pedra que apresenta uma inscrição com a data 1826. Apresenta uma escadaria em granito pela qual se acede à sineira de volta perfeita que ostenta um único sino. Tornou-se uma espécie de símbolo desta localidade.

O eléctrico, que não passa despercebido...

Este meio de transporte pouco usual nestas bandas foi aqui colocado em 1993, para homenagear todos os que sendo da freguesia

trabalharam na Carris. Segundo se sabe um dos Administradores da Carris na década de 80 ou 90 era natural desta localidade.

Ainda em Maçaínhas poderá ver:

Capela do Espírito Santo

A partir do centro de Maçaínhas siga as placas que indicam a Capela do Espírito Santo, esta situa-se junto a uma via secundária, encontrando-se circundada por terras de cultivo e muros de alvenaria de granito.

Esta capela, de arquitectura vernácula, terá sido construída no século XIV, tendo sido a primitiva igreja paroquial com invocação de Santa Maria. Apresenta planta longitudinal simples com cobertura homogénea a duas águas, fachada principal em empena com cruz latina no vértice, truncada no ângulo direito onde se encontra sineira em arco de volta perfeita e remate angular, comportando sino. É rasgada por uma porta de verga recta, encimada por lintel com inscrições ilegíveis que revelam um possível reaproveitamento de uma antiga lápide funerária.

No interior, destaca-se, na parede fundeira, pintura mural em forma de tríptico, composta por figura de Santa Catarina, um santo não identificável e, no centro, uma Santíssima Trindade e um Pentecostes. Esta pintura mural, cuja execução terá tido lugar no século XVI terá sido descoberta na década de oitenta do século passado.

Perto da fonte da Rua da Praça encontrará uma antiga fonte de mergulho e uma alminha.

Nas ruas de Maçaínhas encontram-se algumas casas com datas inscritas

nas vergas das portas e uma ou outra casa de arquitectura mais cuidada ou típica.

De Maçaínhas siga até ao Colmeal da Torre.

Colmeal da Torre

O topónimo desta localidade está intimamente relacionado com a chamada Torre *Centum Cellas*, da qual se falará mais adiante.

A ocupação humana nesta parte do concelho é antiga, uma vez que existem vestígios romanos consideráveis. A ocupação medieval está comprovada quer por referências documentais quer por escavações arqueológicas.

Em 1259, o Colmeal da Torre, surge referenciado numa transferência de foros feita entre o Reitor da Igreja de Santa Maria de Belmonte, Pedro Mendes e o Bispo de Coimbra D. Egas Fafes.

Em 1321, Santa Maria do Colmeal aparece no Catálogo das Igrejas do Bispado da Guarda incluída nas igrejas da Covilhã.

Nas Inquirições Paroquiais de 1758 o lugar do Colmeal teria já 50 vizinhos.

Esteve ligada à exploração mineira, cuja tradição virá desde os tempos mais remotos. Nesta área existiu uma

Companhia Francesa e um Separador.

No centro desta localidade poderá observar a Igreja Matriz e, muito perto desta, a Capela de S. Bartolomeu.

Igreja Matriz

Esta Igreja, dedicada a Nossa Senhora de Fátima, foi construída em 1941 sendo um exemplar de arquitectura revivalista.

Trata-se de uma igreja de planta longitudinal composta por nave com coro-alto, capela-mor à mesma altura, dupla sacristia, transepto interno e torre sineira quadrangular, adossada à fachada lateral direita.

A fachada principal em frontão triangular é rasgada por portal de verga recta, janelas laterais e rosácea. Todas as fachadas são circunscritas por cunhais apilastrados, sendo as laterais rasgadas por portas travessas e

janelas, cujos vãos lanceolados são de perfil goticizante.

No interior apresenta cobertura em falsa abóbada de berço de madeira, os retábulos são em talha dourada e policromada, sendo os colaterais neogóticos e o retábulo-mor neomanuelino. Este ostenta no trono uma escultura de Nossa Senhora de Fátima.

Capela de S. Bartolomeu

Esta capela de arquitectura vernácula e neoclássica foi construída na primeira metade do

século XIX e apresenta planta longitudinal com nave e coro-alto, capela--mor mais baixa e estreita, sacristia e campanário adossados à esquerda.

A fachada principal, apresenta empena truncada por cruz latina com hastes estriadas e cunhais simples firmados por pináculos de bola, é rasgada por porta de verga recta encimada por óculo circular com data de 1849 inscrita. No lado esquerdo, apresenta campanário de dois registos divididos por cornija, sendo o primeiro cego e o segundo com sineira em arco abatido encimado por cruz latina ao centro e pináculos de bolas. O sino ostenta a data de 1860.

No interior destaca-se, do lado do Evangelho, o púlpito em cantaria de granito. O retábulo-mor é de talha policromada e dourada, tardo-barroca, com decorações híbridas e elementos decorativos rococó tendo no nicho central a imagem do orago - S. Bartolomeu.

Numa das ruas perpendicular à Rua da Gambojeira (do lado direito do largo onde se ergue a Igreja Matriz) encontrará uma casa bastante curiosa, infelizmente em ruínas, que apresenta grinaldas de flores relevadas e um lagarto (numa fachada lateral junto às telhas).

Junto ao campo de futebol, encontrará a Capela de Santo Antão.

Capela de Santo Antão

Trata-se de uma capela novecentista que substituiu uma outra, mais antiga, dedicada ao Sagrado Coração de Maria. Essa primitiva capela teria sido construída no século XVIII por ordem do Padre Correia Nave. Dela restam os púlpitos - um de madeira e outro de pedra e a imagem do orago - Santo Antão.

Siga, agora, as placas que indicam as localidades de Belmonte e Gaia. Antes, de chegar à Estrada Nacional 18 encontrará o mais enigmático dos monumentos da época romana da Beira Interior - *Centum Cellas*.

Foi classificado Monumento Nacional em 1927 e tem sido alvo de diversos estudos e escavações arqueológicas.

Centum Cellas

Este monumento e as ruínas que o circundam despertaram, ao longo dos tempos, a curiosidade de diversos estudiosos.

São várias as lendas e histórias que alimentam a tradição oral das populações que se situam em seu redor. Dizem que esta torre foi construída por uma mulher enquanto carregava o seu filho às costas, que esta torre fora tão alta que a sua sombra galgava serras e serras, estendendo-se de Valhelhas à Nossa Senhora da Estrela, onde dizem existir uma cidade subterrada - a cidade de Valongo.

Durante gerações vários terão sido aqueles que revolveram as terras em redor da torre no sentido de encontrarem o bezerro de ouro que a lenda dizia estar enterrado junto à entrada principal.

Outra tradição refere o facto de esta torre se tratar

de uma prisão que teria cem celas, onde aliás teria estado encarcerado São Cornélio. Estas duas tradições acabaram por definir as designações pela qual é conhecida - Torre *Centum Cellas* ou Torre de São Cornélio.

Quanto à sua verdadeira função, várias foram as propostas apresentadas ao longo dos tempos: templo, prisão, *praetorium* (núcleo de um acampamento romano) *mansio* (estação de muda), *Mutatio* (albergaria para descanso dos viajantes) ou *Villa* Romana.

Dos estudos arqueológicos realizados na área que envolve a Torre destacam-se os dirigidos pelo Dr. Aurélio Ricardo Belo (1958/1959/1960) e pela Dr.ª Helena Frade (1993/1994/1998). Ambos recolheram objectos (moedas, cerâmica, vidro, aras, uma fíbula, etc.) que actualmente se encontram no Museu Tavares Proença Júnior e no Instituto Português do Património Arquitectónico - Direcção Regional de Coimbra.

As últimas escavações levadas a cabo pelo IPPAR, dirigidas pela Dr.ª Helena Frade, confirmaram que a Torre não se encontrava isolada mas sim inserida num conjunto de estruturas que correspondiam a salas, corredores, escadarias, caves e pátios. A área escavada corresponde apenas a um trecho da *pars urbana da villa*. A *pars rústrica* e as termas não foram ainda encontradas mas poderão ter sido perdidas aquando da construção da estrada municipal.

A Torre era apenas o núcleo central, melhor conservado, de uma *villa* romana pertencente a *Lucius Caecilius*, um negociante de estanho. Este rico cidadão romano mandou construir aqui a sua casa sob a direcção de

um arquitecto conhecedor das técnicas construtivas de Vitrúvio.

O local deverá ter sido escolhido em função da

sua localização, quer ao nível das vias (Braga - Mérida), quer ao nível de recursos mineiros (rota do minério).

A construção terá ocorrido em meados do século I d.C. mas no século III d. C. Foi destruída por incêndio (documentado arqueologicamente) que levou a reconstrução do conjunto. Foi nesta altura que terá sido construído o larário, onde apareceram sete aras decoradas, uma delas com referência a Vénus e Minerva.

Na época medieval, em data difícil de precisar, foi construída neste local uma capela, possivelmente dedicada a São Cornélio, a qual viria a desaparecer no decorrer do século XVIII. A zona envolvente deste templo cristão apresenta também um conjunto de sepulturas.

Centuncelli terá sido um local de grande importância pois em 1188, D. Sancho I concedeu-lhe foral.

Mas existem referências do século XVII da degradação e abandono em que se encontrava esta antiga *Villa*.

Como seria a casa de Lucius Caecilius?

A torre, com dois andares era a parte mais alta da residência e toda a casa se desenvolvia em função dela. O rés-do-chão apresentava várias salas, sendo, certamente uma área de serviços. No primeiro andar existia uma única sala, com janelas e portas por onde se acedia a uma varanda protegida por telhado e suportada por colunas toscanas. Nas paredes ainda se vêem os agulheiros onde encaixavam as asnas de madeira que suportavam a varanda.

Apresentava telhado a duas águas com remate superior das paredes norte e sul em frontão triangular.

As restantes divisões dispunham-se de um lado e do outro, como que formando um U, contornado um pátio central. Do lado esquerdo foi encontrado uma sala com abside ou larário, que seria a sala de culto aos deuses.

Porque é que só existe a Torre?

Porque o incêndio (que poderá estar relacionado com as perturbações sociais dos finais do século III d.C.) terá destruído as restantes estruturas de forma mais devastadora, até porque a torre tem um aparelho cuidado, com silhares de granito.

A torre poderá ter sido

utilizada, na época medieval, como atalaia enquanto as restantes estruturas se desfaziam em ruínas.

Daqui siga até Gaia. Para isso deverá sair do recinto das ruínas *Centum Cellas* em direcção à estrada e descer ao cruzamento que se encontra ao fundo. Nesse cruzamento vire à direita e siga as placas informativas em direcção a Gaia.

Gaia

Trata-se de um lugar que surge já referenciado no século XIII, quando os bispos de Coimbra adquiriam terras nesta zona do Concelho de Belmonte.

Nas Inquirições Paroquias de 1758, esta localidade teria 29 vizinhos. E em 1849 num documento que se relaciona com o capelão aparece designada por Quinta da Gaia.

Esta pequena povoação, assim como a do Colmeal da Torre estiveram ligados à exploração mineira. No Concelho existiram várias companhias de exploração, separadoras ou fundições, compradores e intermediários. Trata-se de uma tradição antiga que está documentada em vários locais pela recolha de vestígios arqueológicos mas que acabou por ter o seu auge, mais recente nas épocas de 1917, 1937 e 1960.

Em Gaia, em 1915 quando Samuel Schwarz, um engenheiro de minas polaco veio para o Concelho, existia uma companhia chamada *The Portuguese American Company* que explorou o couto mineiro aí existente. Na memória ficou sobretudo a Draga de Gaia. As casas de madeira que ainda hoje se podem observar eram dos empregados americanos da Companhia de exploração mineira.

Na estrada principal poderá observar a estátua

de Nossa Senhora da Graça e no centro da povoação a respectiva Capela.

Capela de Nossa Senhora da Graça

Pequena capela construída no século XVIII, rebocada e pintada de branco cuja fachada principal apresenta portal de lintel recto encimada por óculo com vitral. A sacristia e a torre sineira encontram-se adossadas à esquerda, assim como a escadaria que dá acesso exterior ao coro alto.

No interior o altar-mor é dedicado a Nossa Senhora da Graça, uma *escultura de roque* que encima o sacrário.

Nos nichos laterais do retábulo-mor figuram Nossa Senhora de Fátima e o Sagrado Coração de Jesus.

A devoção a Nossa Senhora da Graça originou e manteve na tradição oral algumas histórias populares das quais se destaca a seguinte:

"Conta-se que na altura das Invasões Francesas uma Senhora acorreu à Capela para por a salvo a Nossa Senhora da Graça. Tirou-a do Altar e levou-a numa cesta para uma mina."

Evitava assim que esta fosse roubada pelos invasores."

(Segundo testemunho oral de D. Maria Cândida Rogério)

NATUREZA

A vila e o Concelho de Belmonte inserem-se na designada Cova da Beira, zona marcada pelo rio Zêzere, que constitui o pólo agrícola mais significativo da Beira Interior onde se desenvolvem a policultura intensiva, a fruticultura, a olivicultura e a vinha.

A pastorícia, nomeadamente a criação de caprinos e ovinos, é significativa, sendo facilitada pela existência de prados. Verifica-se também a criação de gado vacum e, em menor escala, a criação de suínos. A avicultura tem um carácter doméstico.

A carta litográfica demonstra para o Concelho de Belmonte a existência de rochas vulcânicas das quais predomina o granito e de formações sedimentares que se caracterizam nos aluviões dependentes do rio Zêzere. Estes aluviões do vale do Zêzere são bastante ricos em ouro e estanho, facto que contribuiu para a ocupação humana desta região desde muito cedo.

Os níveis hipsométricos do Concelho de Belmonte e de toda a Cova da Beira são modestos quando comparados com as áreas

adjacentes (Serra da Estrela, Serra da Malcata e Serra da Gardunha).

A vila de Belmonte situa-se num Inselberg da Cova da Beira - uma unidade geográfica, uma vez que constitui uma depressão de origem tectónica encaixada na vasta cordilheira central, formando uma bacia onde afluem diversos cursos de água das vertentes que a circundam e que contribuem para engrossar o caudal do rio Zêzere. Para além deste rio o Concelho conta com as chamadas ribeiras de Caria, das Inguias e da Gaia.

Do ponto de vista florestal, nas matas predominam o carvalho-negral, o pinheiro-bravo, as mimosas e as giestas e junto aos rios e ribeiras abundam os amieiros, os salgueiros, os freixos, as borrazeira-brancas e os choupos-brancos.

O Zêzere enquanto elemento marcante deste cenário concorre para a existência de uma determinada fauna e flora. Encontram-se aqui espécies próprias dos meios cerealíferos abertos e das zonas húmidas, as quais se podem observar seguidamente.

FAUNA

Abibe

Trepadeira

Abelharuco

Rouxinol

Alvéola

Tartaranhão Caçador

Andorinha-dos-Beirais

Felosa-Poliglota

Borrelho-pequeno-coleira

Maçarico-das-Rochas

Carriça

Pardal

Chapin

Cuco

Cegonha Branca

Toupeira

Guarda-Rios

Rã-Verde

Poupa

Coelho-Bravo

Milhafre-Preto

Ouriço-Cacheiro

Raposa

Cobra-de-Água

Javali

Morcego Anão

FLORA

Amieiro

Carvalho

Pilriteiro

Mentrasto

Giesta Amarela

Feto

Choupo Branco

Pinheiro Bravo

Freixo

Dedaleira

Lírio Amarelo

Escrofularia

Hipericão

Salgueiro

CULTURA POPULAR

Festividades - Feiras e Romarias

Feiras

Data	Festividade	Localidade
25 Março	Feira	Belmonte
Sáb.Páscoa	Feira	Colmeal
Dom. Ramos	Feira	Belmonte
1 Novembro	Feira de Todos os Santos	Caria
8 Dezembro	Feira	Belmonte

Mercados

Data	Festividade	Localidade
Mensal		Colmeal
Quinzenal	1.ª e 3.ª Segundas feiras	Belmonte
Quinzenal	2.ª e 4.ª segundas feiras	Caria
Mensal		Maçainhas

Festas Cívicas

Data	Festividade	Localidade
26 Abril	Festa do Concelho	Belmonte
Agosto	Dia da Freguesia	Maçainhas

Romarias e Festas Populares

Data	Festividade	Localidade
1 Janeiro	Festa do Ano Novo	Caria
Carnaval	Festa do Mártir São Sebastião	Caria
Março	Festa de São José	Inguias
19 Março	Festa de São José	Carvalhal
Dom. Ramos	Festa de Domingo de Ramos	Caria
Abril	Festa das Flores	M.te Bispo
26 Abril	Festa de N. Sr.ª da Esperança	Belmonte
Maio	Festa de N. Sr.ª de Fátima	Inguias
Maio/Junho	Festa de Santo Antão	Belmonte
Maio/Junho	Festa de Santo Antão	Colmeal
Junho	Festa de Santo Antão	Caria
Julho	Festa de Santo António	Maçainhas
Agosto	São João Degolado	Carvalhal
Agosto	Festa de São José	Carvalhal
Agosto	Festa de N. Sr.ª da Graça	Gaia
Agosto	Festa de N. Sr.ª da Estrela	Inguias
Agosto	Festa de N. Sr.ª dos Remédios	Malpique
Agosto	Festa de Santa Luzia	M.te Bispo
Agosto	Festa de Sant' Ana	Olas
2 Dezembro	Santa Bebiana	Caria
8 Dezembro	Festa de N. Sr.ª da Conceição	Caria

Artesanato Típico

No concelho de Belmonte podem encontrar-se diversos artigos de artesanato, desde os objectos de funilaria, à escultura popular, às rendas e bordados, passando pela tecelagem e pela cestaria.

Para que possa levar objectos de artesanato optámos por discriminar neste roteiro alguns artesãos e locais onde pode encontrar peças de artesanato.

Jorge Lourenço Matos
Rua da Fontinha, 10 6250 Belmonte
Telf. 275 912 228
Escultura em madeira

Alberto Robalo Pires
R. Pedro Álvares Cabral - 6250 Belmonte
Telf. 275 912 619
Funilaria

Coop. Belofícios
Rua 1.º de Maio - 6250 Belmonte
Telf. 275 911 141
Bordados Tradicionais (Castelo Branco, Bainhas Abertas, Richelieu, Franjas, Lenços de Namorados)

Helena Sofia Proença
Telmv. 96 636 81 41
Mantas de Orelos e outros Artigos de Tecelão

Hiperartesanato das Beiras
Estrada Nacional 18
6250-075 Gaia/Belmonte
Telf. 275 431 097
Diversos artigos, Mobiliário em Vime, Verga e Bambú

Gastronomia

A gastronomia desta região está intimamente ligada com o tipo da Agricultura e Pastorícia praticada.

São típicos os seguintes pratos e os seguintes doces:

- Cabrito Assado
- Ensopado de Borrego ou de Cabrito
- Bacalhau à Lagareiro
- Sopas de Couve
- Queijo Fresco ou Curado (de Cabra ou Ovelha)
- Chouriça, Morcela, Farinheiras e Alheiras
- Presunto
- Cascoreis
- Bicas
- Filhós
- Bolo de Ovos
- Papas de Carolo
- Arroz Doce (com leite de Ovelha)
- Cavacas de Belmonte
- Bolos de Soda

Algumas Receitas

Ensopado de Borrego ou de Cabrito

Ingredientes:
3 kg de borrego ou cabrito;
2 dl de azeite;
2 dl de vinho branco;
3 Cebolas;
2 Dentes de alho;
2 Folhas de louro;
1 Ramo de salsa;
Colorau q.b.
Pimenta e sal q.b.

Preparação:
Limpe e corte o borrego em bocados. Á parte faça um refogado com azeite, cebolas e alhos picados. Deixe aloirar a cebola e junte os bocados de borrego, louro, salsa, colorau, pimenta e sal. Deixe refogar bem e lentamente. Prove de temperos. Junte o vinho branco, tape o tacho e deixe novamente apurar. Quando o borrego estiver pronto, coloque-o numa travessa e sirva-o acompanhado com batatas cozidas. Enfeite o borrego com salsa.

Arroz Doce

Ingredientes:
250 gr de Arroz Carolino;
200 gr de Açúcar;
2 dl de Leite de Ovelha (ou leite gordo de vaca);
1 Limão;
Sal e Canela q.b.

Preparação:
Leve ao lume uma panela de água temperada com sal (mais ou menos uma colher de chá) e cascas de limão. Quando a água ferver, introduza o arroz previamente lavado, escolhido e escorrido juntamente com o Açucar. Junte o leite quente quando a água tiver praticamente desaparecida e deixe cozer em lume brando. Retire-o do lume, estenda o arroz doce numa travessa e deixe arrefecer um pouco. Depois polvilhe com canela e sirva.

ESTABELECIMENTOS

Alojamento - Hotéis, Pensões e Pousada

Onde Dormir ...

Concelho de Belmonte

Hotel Belsol ***

Quinta do Rio, EN 18 - Belmonte
Telf. 275912206 Fax. 275 912 315

Piscina, Bar e Restaurante
53 Quartos e uma Suite
Salão para Banquetes, Festas e Colóquios

www.hotelbelsol.com

Pousada de Belmonte

Serra da Esperança, Apartado 76
Telf. 275910300 Fax. 275910310

Era um antigo Convento
Piscina, Bar, Restaurante
24 Quartos

www.pousadas.pt
pousadadebelmonte@mail.telepac.pt

Casa Tomás Lourenço

Travessa do Soalheiro, 10,
Colmeal da Torre
Telf. 275911227
Telm. 964158176

Turismo Rural

www.casatomaslourenco.net
geral@casatomaslourenço.net

Estabelecimentos - Restaurantes e Cafés

Onde Comer e Beber ...

Belmonte

Quinta da Bica - Academia de Golfe

Quinta da Bica, perto da Gaia
Telf. 275 434 206

Bar, Restaurante, Loja,
Academia de Golfe
Horário: 9h - 20h

Restaurante - Café Altitude

Rua Pedro Álvares Cabral
Telf. 275 911 170

Horário: 7h 24h

Restaurante Belsol

Quinta do rio, EN 18 Hotel
Telf. 275 912 206

Também Serviços de Catering
Horário: 12h - 15h e 19h - 22h

Pizzaria

Largo António José de Almeida, 21
Telf. 275 913 928

Restaurante O Jardim

Rua Nova do Jardim, 7
Telf. 275 084 869

Estabelecimentos - Restaurantes e Cafés

Onde Comer e Beber ...

Belmonte

Restaurante Combinado

Rua Pedro Álvares Cabral, 253
Telf. 275 911 841

Horário: 9h-24h

Café/Snack Bar O Pelourinho

Largo do Pelourinho, 8
Telf. 275 087 128

Horário: 7h30 - 2h

O Churrasquinho

Rua da Fonte Grande , 8
Telf. 275 913 752

Ferreira - Restaurante

Rua Bombeiros Voluntários
Bº Olival Grande
Telf. 275 083 463

Grelha - Restaurante

Bº Santa Maria
Telf. 275 913 194

Beirão - Restaurante

E.N. 18 - Ginjal
Telf. 275 911 583

Estabelecimentos - Restaurantes e Cafés

Onde Comer e Beber ...

Belmonte

Castiçal - Restaurante

Rua Pedro Á. Cabral, 14
Telf. 275 912 124

Belmonte-Gare

Milénio Café-Restaurante

Belmonte Gare
Telm. 96 552 74 24

A Vinha Café-Restaurante

Quinta Entre-Águas,
Belmonte Gare
Telf. 275 912 847

Horário: 6h-2h

Inguias

O Bernardo, Café, Snack-Bar

Lameira
Telf. 275 912 299

Horário: 6h-2h

Estabelecimentos - Restaurantes e Cafés

Onde Comer e Beber ...

Caria

Restaurante Bebiana

Bairro de Santo António, 2
Telf. 275 476 259

Horário: 10h - 24h

O Garfo, Café/Restaurante

Rua do Cruzeiro, 3
Telf. 275 476 290

Horário: 8h - 24h

O Carrocel - Churrasqueira

Rua da Trincheira, 3
Telf. 275 476 079

Horário: 6h-2h

Mira Serra, Café/Restaurante

Largo dos Condes de Caria
Telf. 275 476 205

Horário: 7h-24h

Cangas - Restaurante

Largo do Jacinto
Telf. 275 476 280

Estabelecimentos - Restaurantes e Cafés

Onde Comer e Beber ...

Colmeal da Torre

Flórida,
Café/Restaurante

Rua da Gombojeira, 8
Telf. 275 912 669

Horário: 6h - 2h

Gaia

A Bica,
Café/Restaurante

Estrada Nacional 18 - Gaia
Telf. 275 434 210

Horário: 6h-20h, só almoços

Malpique

O Jaime,
Café/Restaurante

Cruzamento de Malpique
Telm.96 342 04 63

Bares e Pubs

Onde Beber ...

Belmonte

Lhá Bar, Pub

Rua Bombeiros Voluntários, 16
Telf. 275 911 845

Rambóia Bar

Rua Bombeiros Voluntários

Baribau

Bº S. Sebastião
Telm. 96 359 05 64

Vera Cruz

Rua Pedro Á. Cabral
Telef. 275 087 787

Caria

Bar Frei Papinhas

Travessa das Lameirinhas, 6
Telf. 275476232

Horário: 13h - 2h

Pielas Bar

Largo da Trincheira, 3
Telf. 275476128

Folga à segunda-feira.
Horário: 7h - 24h.

Bares e Pubs

Onde Beber ...

Caria

Halley Bar

Largo da Trincheira, 5
Telf. 275 476 685

Horário: 12h30 - 2h

Bar Toca da Moura

Estrada (S. Marcos)
Caria

Piscina de Belmonte

Aberta apenas na época balnear (no Verão)

Piscina de Caria

Aberta apenas na época balnear (no Verão).

Praia Fluvial

Polidesportivos

(Todas as Freguesias)

Gimnodesportivo de Belmonte

Academia de Golfe

Quinta da Bica, perto da Gaia
Telf. 275434206

Ski Parque

Em Manteigas/Sameiro
Telf: 275982870
www.skiparque.pt
- Pista e Escola de Ski,
Centro Hipíco, Parque Aventura.

Alguns Contactos Úteis

Telefones de Utilidade Pública

Câmara Municipal	Telef	275 910 010
	Fax	275 910 019
Posto de Turismo		275 911 488
Posto de correios (Belmonte)		275 910 050
Posto de correios (Caria)		275 470 010
Castelo - IPPAR		275 913 901
Bombeiros Vol. Belmonte		275 910 090
Centro Saúde de Belmonte		275 910 030
G.N.R. (Belmonte)		275 911 105
G.N.R. (Caria)		275 476 141
Farmácia Belmonte		275 911 141
Farmácia Caria		275 476 212

Postos Públicos

Belmonte	275 911 112
Caria	275 476 280
Gaia	275 434 119
Colmeal da Torre	275 911 183
Maçaínhas	275 911 184
Inguias	275 912 299
Monte do Bisto	275 476 113
Malpíque	275 476 112

Transportes

Rodoviária Beira Interior	275 911 403
Joalto	275 911 270

Instituições Bancárias

Banco Espírito Santo	275 913 380
BPI	808 200 510
Banco Totta & Açores	275 910 040
Caixa Crédito Agrícola - Belmonte	275 912 213
Caixa Crédito Agrícola - Caria	275 476 680
Caixa Geral de Depósitos	275 913 890

Mapas

Belmonte

Caria

Colmeal da Torre

Monte do Bispo

Maçaínhas

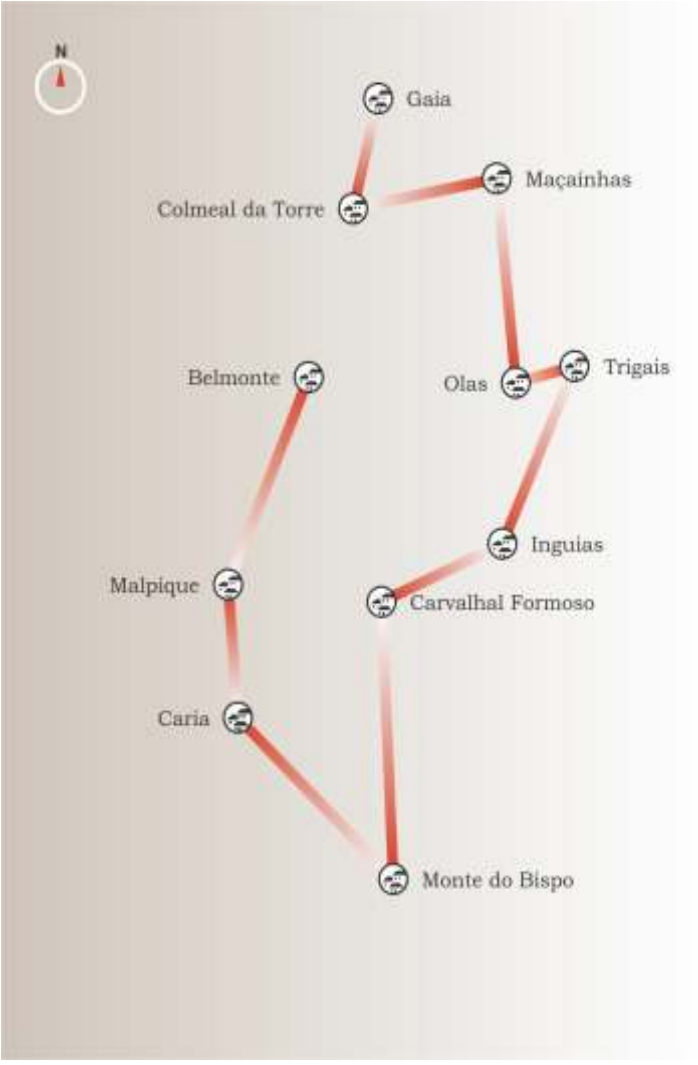
Gaia

Inguias

Carvalhal Formoso

Malpique

Trajecto sugerido no concelho



N
Gata
Macainhas
Colmeal da Torre
Trigais
BELMONTE
Ólas
Serra da Esperança
Inguias
Malpique
A23 - IP2
Carvalhal Formoso
Caria
Monte do Bispo

Roteiro Bibliográfico

Almeida, João de, *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses*, Edição do Autor, Lisboa, 1945

Alves, Alexandre, "A Imagem de Nossa Senhora da Esperança de Belmonte e o Descobrimento do Brasil", Separata da *Revista Beira Alta*, Viseu, 1969

Belo, Aurélio Ricardo, "O Problema da Torre "Centum Cellae" de Belmonte", *Separata de Arqueologia e História*, 8ª Série, v. 12, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1966

Calais, Manuel João, *A Geometria de Centum Cellas*, Covilhã, Edições Floriana Calais, 1974

Canelo, David Augusto, *Criptojudaísmo em Belmonte, Orações Inéditas depois de Schwarz*, Belmonte, 1995

Canelo, David Augusto, *Os Últimos Criptojudeus em Portugal*, Belmonte, Centro de Cultura Pedro Álvares Cabral, 1987

Canelo, David Augusto, *Senhores Cabrais e Camponesas em Belmonte - Estudo de História Local*, Câmara Municipal de Belmonte, 2000

Catálogo do Ecomuseu do Zêzere, Câmara Municipal de Belmonte, 2000

Frade, Helena, "A Torre Centum Cellas: Uma Vila Romana", Separata da *Revista Conimbriga*, XXXII-XXXIII, 1995

Garcia, Maria Antonieta, *Judaísmo no Feminino, Tradição Popular e Ortodoxia em Belmonte*, Lisboa, Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões - Universidade Nova de Lisboa, 1999

Garcia, Maria Antonieta, *Os Judeus de Belmonte - os Caminhos da Memória*, Lisboa, Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões - Universidade Nova de Lisboa, 1993

Gomes, J. Pinharanda, "Memória Histórica do Convento de Nossa Senhora da Esperança de Belmonte", Separata da *Revista Independência*, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, Lisboa, 1983

Marques, Manuel (Texto) e Dias, Francisco de Almeida (Fotografia), *Belmonte - Terras de Cabral*, Câmara Municipal de Belmonte, 2001

Marques, Manuel, *Concelho de Belmonte - Memória e História*, Belmonte, Câmara Municipal de Belmonte, 2001

Perlman, Izhar, *O Sentinela do Vale*, Belmonte, 2000

Reis, António dos, *Vila de Caria*, Covilhã, Tipografia do Noticias da Covilhã, 1959

Schwarz, Samuel, *Os Cristãos-Novos em Portugal*, Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões - Universidade Nova de Lisboa, 1993

Silva, Joaquim Cadeias da, *Belmonte, Cabral e o Descobrimento do Brasil*, Câmara Municipal de Belmonte, 2000

Sousa, Catarina Valença Gonçalves Vilaça, *As Pinturas Murais Tardo-Medievais do Concelho de Belmonte*, Câmara Municipal de Belmonte, 2003

Tavares, Joaquim Cardoso e Marques, Manuel, *Subsídios para uma Monografia da Vila de Belmonte*, Câmara Municipal de Belmonte, 1974

Vargas, José Manuel, *Forais de Belmonte*, Câmara Municipal de Belmonte, 2001

ÍNDICE

Nota Prévia
Dedicatória
Agradecimentos
Introdução
Localização 11
História 13
Belmonte 14
Castelo de Belmonte 16
Igreja de S. Tiago 22
Panteão dos Cabrais 26
Sinagoga, Judeus e Antiga Judiaria 29
Praça Velha - Pelourinho 36
Antigos Paços do Concelho 37
Museu Judaico 38
Igreja Matriz 38
Museu do Azeite 44
Solar dos Cabrais 46
Paços do Concelho 47
Estátua de Pedro Álvares Cabral 47
Convento de Nª Senhora da Esperança 54
Fonte do Soldado 58
Malpique 59
Capela de Nª Senhora dos Remédios 59
Caria 60
Igreja Matriz 63
Capela de S. António 66
Casa da Torre 68
A Casa das Caras 70
Casa da Câmara 71
Palacete dos Viscondes de Tinalhas 71
Os Viscondes de Tinalhas 72
Cruzeiro 73
Palacete dos Viscondes de Caria 77
Casão e a Capela de Santa Constança 79
Palacete de Quevedo Pessanha 80
Casa da Roda 83

Capela de Santana 84
Capela de São Marcos 84
Capela de Santo Antão 85
Fonte de São Sebastião 85
Fonte do Ruivo 85
Fonte do Prior 86
Fonte do Carvalho 86
Fonte de Santana 86
Pontão da Lage do Freixo 87
Monte do Bispo 88
Capela de Santa Luzia 88
Carvalhal Formoso 91
Capela de S. José 91
Igreja Matriz 92
Fonte de S. João Degolado 93
Inguias 94
Igreja Matriz 94
Casa do Professor Republicano 97
A Fonte da Mina 97
Capela de Nª Senhora da Estrela 98
Maçaínhas 100
Igreja Matriz 100
Campanário 101
Capela do Espírito Santo 102
Colmeal da Torre 103
Igreja Matriz 104
Capela de S. Bartolomeu 104
Capela de Santo Antão 106
Centum Cellas 106
Gaia 109
Capela de Nª Senhora da Graça 110
Natureza 111
Fauna 114
Flora 116
Cultura Popular 117
Estabelecimentos 123
Mapas 135
Roteiro Bibliográfico

"De púrpura celesthial
sobre prata muy luzente,
a geração muy valente,
que delas se diz Cabral,
traz sem ouro difrente.
E pena que aponte,
escrito trazem na fronte
seu esforço e lealdade
naquela grão lyberdade
do Castello de Belmonte."

(Joam Rodriguez de Saa,
in Cancioneiro Geral de Garcia Resende)

Câmara Municipal de Belmonte
2005